UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

PRISCILA PINTO: UMA ANÁLISE EM SEMIÓTICA VISUAL DOS ARTISTAS PLÁSTICOS EMERGENTES EM MANAUS (ANOS 2000)

Bolsista: Kessia Nóbrega Barbosa, CNPq

MANAUS
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB-H /0111/2011
PRISCILA PINTO: UMA ANÁLISE EM SEMIÓTICA VISUAL DOS ARTISTAS PLÁSTICOS EMERGENTES EM MANAUS (ANOS 2000)

Bolsista: Kessia Nóbrega Barbosa, CNPq
Orientadora: Prof.ª Dr.ª Rosemara Staub de Barros Zago

MANAUS
2012

Todos os direitos deste relatório são reservados à Universidade Federal do Amazonas, ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Arte e Tecnologia Interativa/GEPARTI e aos seus autores. Parte deste relatório só poderá ser reproduzida para fins acadêmicos ou científicos.

Esta pesquisa, financiada pelo Conselho Nacional de Pesquisa – CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa de Estudos em Artes e Tecnologia Interativa – GEPARTI/CNPq/UFAM e se caracteriza como subprojeto do projeto de pesquisa Processo de criação na Amazônia pertencente ao GEPARTI.

RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar sob o ponto de vista da semiótica visual, as interelações sígnicas e o processo de significação cultural das obras produzidas pelos artistas plásticos emergentes em Manaus nos anos 2000. A metodologia aplicada foi a da pesquisa documental e análise semiótica. Para fazermos esta análise semiótica valemos do arcabouço teórico de Charles Sanders Peirce à luz de Lúcia Santaella. Diante da escassez de informações, fez-se necessário, o mapeamento dos artistas que participaram da Exposição Coletiva Novos Quinze e da artista Priscila Pinto, bem como a catalogação de suas respectivas obras. Entre essa produção diversa, destacamos: fotografia digitalizada, acrílica sobre tela, vídeo arte, mista, colagem de tecido sobre papel, instalação, infografia e objetos artísticos. Esta pesquisa nos revelou ainda, que estes novos artistas retrataram em suas obras não mais paisagens com a fauna e a flora amazônica, e sim o cotidiano, cheio de grandiosidades ou de insignificâncias; e também elementos do folclore amazônico, que desde a nossa infância ouvimos nossos avós, ou pais, ou tios nos contarem. A análise em semiótica visual foi realizada apenas em quatro obras da Priscila Pinto, das quais foram classificadas na primeira divisão de signo, a saber, Qualissigno, icônico, remático, pois na obra de arte devido a liberdade poética que cada artista tem, só podemos encontrar meras possibilidades de representação, nada há de concreto ou determinante.

Palavras Chave: Priscila Pinto, Semiótica peirceana, Novos Quinze.

ABSTRACT

This study aimed to analyze from the point of view of visual semiotics, the interrelations of signs and the process of cultural significance of the works produced by artists emerging in Manaus in 2000. The methodology was applied to the documentary research and semiotic analysis. To do this we are worth semiotic analysis of the theoretical Charles Sanders Peirce in the light of Lucia Santaella. Given the scarcity of information, it was necessary, the mapping of the artists who participated in the collective exhibition Fifteen New and artist Priscilla Pinto, as well as the cataloging of their respective works. Among this diverse production, include: digital photographs, acrylic on canvas, video art, mixed fabric collage on paper, installation, infographics and art objects. This research also revealed that these new artists portrayed in his works no more landscapes with Amazon flora and fauna, but the everyday, full of greatnesses or trifles, and also elements of Amazonian folklore, since our childhood we heard our grandparents, or parents or uncles tell us. The analysis in visual semiotics was conducted in only four works of Priscilla Pinto, which were placed in the first division sign, namely Qualissigno, iconic, remático because the work of art due to poetic license that each artist has, we can only find mere possibilities of representation, there is nothing concrete or determinant.

Keywords: Priscila Pinto, Peircean semiotics, New Fifteen

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....07

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....09

2.1 Os objetos artísticos sob ponto de vista da Semiótica Visual.....09

2.2 Os objetos artísticos o ponto de vista dos Elementos Formais.....17

2.2.1. Os elementos morfológicos da representação.....17

2.2.2. Os elementos dinâmicos da imagem.....22

2.2.3. Os elementos escalares da imagem.....24

2.3 Os objetos artísticos sob o ponto de vista das Tendências Artísticas.....26

3 BIOGRAFIAS.....28

3.1 Artistas da Exposição Novos Quinze.....28

3.2 Priscila Pinto.....34

4 CATALOGAÇÃO DAS OBRAS ARTÍSTICAS.....39

4.1 Exposição Novos Quinze.....39

4.2 Exposição Feminino Singular.....45

4.3 D'aqui p'ra li.....52

4.4 O Jardim da Artista.....52

4.5 Exposição Madeira Memória.....55

5 CONTEXTUALIZAÇÃO.....67

6 ANÁLISE DAS OBRAS.....71

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....83

FONTES E REFERÊNCIAS.....84

ANEXOS.....88

CRONOGRAMA.....90

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa “Priscila Pinto: Uma análise em semiótica visual dos artistas plásticos emergentes em Manaus (anos 2000)” está vinculada ao projeto de pesquisa intitulado “Processo de criação artística na Amazônia”, pertencente ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte e Tecnologia Interativa – GEPARTI/CNPq/UFAM, e objetiva analisar sob o ponto de vista da semiótica visual, as interelações sígnicas e o processo de significação cultural das obras produzidas neste período.

Entretanto, diante da escassez de informações, faz-se necessário, como instrumento metodológico, mapear e catalogar tanto os artistas plásticos, quanto sua produção artística em Manaus, nos anos 2000.

Por outro lado, catalogar todos esses artistas e suas respectivas produções será uma ousadia impossível de ser concretizada no curto espaço de tempo cronometrado em nosso cronograma de atividades, que trata de uma iniciação científica a ser realizada no prazo de um ano.

Assim, diante do cenário dos artistas plásticos em Manaus que desde as décadas anteriores, vem dando, significativamente, continuidade as suas produções e participações efetivas em exposições, esta pesquisa apresenta um recorte no nosso campo de atuação; deste modo, buscamos mapear e catalogar apenas os artistas que iniciaram suas produções e exposições neste período em Manaus.

A partir dos anos 2000, Manaus vive novos frutos artísticos, oriundos das aulas de Artes Plásticas promovidas pelo Centro Cultural Cláudio Santoro, do qual resultou na exposição coletiva denominada “Novos Quinze”, composta por Andreza Santos, Bárbara Teófilo, Cinthia Louzada, Elina Siqueira, Elizabeth Lima, Jailson Reis, Kartejane Castro, Leandro Tapajós, Maria Guedes, Paulo Trindade, Rosário Naranjo, Shalom (Wanderson Souza), Sheldon Sacramento, Tito (Francisco Carlos Andrade) e Valter Mesquita, em 2005,

na Usina Chaminé, local e ano em que também Priscila Pinto realizava sua primeira exposição individual, intitulada Feminino Singular, todos sob a curadoria de Sergio Cardoso.

Estes novos artistas emergiam neste cenário artístico contemporâneo amazonense com novas propostas de leituras e principalmente, utilizando-se das mídias para composição de suas obras, diferenciando-se do cenário dos artistas plásticos que desde as décadas anteriores, vem dando, significativamente, continuidade as suas produções e participações efetivas em exposições, o que marca um novo processo artístico em Manaus.

A metodologia aplicada foi a da pesquisa documental e análise semiótica, para tanto, utilizamos os seguintes critérios para escolha destas fontes documentais: que estas, reportem ao noticiário dos eventos de curadoria e exposição de Artes Plásticas, coletivas e individuais; que sejam iconográficas e iconológicas de acervos públicos que remetem ao período pesquisado ou ainda, que sejam de acervos particulares.

No entanto, a análise em semiótica visual foi realizada apenas nas obras da Priscila Pinto, das quais escolhemos: A Pensadora pertencente à Exposição Feminino Singular (2005); D'aqui p'ra li pertencente à série Mapas (2005); O Jardim da Artista (2009); e A Canoa pertencente à Exposição Madeira-Memória (2010).

De posse dessas informações, buscamos compreender de que modo a cultura amazônica está presente nas obras dos artistas plásticos emergentes dos anos 2000, pois, segundo Salles (1998) a simples comprovação do contexto não nos leva exatamente ao processo de criação, temos que observar como o tempo e o espaço em que o artista está submerso, passam a fazer parte da obra.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Os objetos artísticos sob o ponto de vista da Semiótica Visual

Segundo Caramella (1998) todo indivíduo é usuário de uma língua, entretanto só uma minoria conhece este código.

Um exemplo disto é a linguagem na internet em salas de bate-papo, onde geralmente são digitados apenas os fonemas, não correspondendo de fato às regras gramaticais da Língua Portuguesa. Se a pessoa não conhecer tais códigos jamais entenderá o que estes usuários estão a falar.

E foi justamente com o advento da tecnologia que estas linguagens se multiplicaram rapidamente.

> [...] A rapidez com que as linguagens estão crescendo parece estar exigindo de nós que nossa interação com elas não se limite ao nível puramente intuitivo, mas que possamos dialogar com elas no nível mais crítico e reflexivo. [...] que nos permita ler os signos com a mesma naturalidade com que respiramos, com a mesma prontidão com que reagimos ao perigo e com a mesma profundidade com que meditamos (SANTAELLA, 2008, p. XI).

Entretanto, para que a leitura destas linguagens realmente aconteça com facilidade, precisamos de uma ciência que estude estes códigos. Diante disto, faz-se necessário entender a obra de Charles Sanders Peirce (1839-1914) que abordava as categorias fenomenológicas, pois é a partir delas que nasce a semiótica, a ciência que de acordo com Barros (2007, p. 71) "[...] considera que todas as coisas existentes no mundo se constituem em signos, sendo que cada uma delas tem a sua própria linguagem".

Peirce afirmou que fenômeno é tudo o que está presente a qualquer momento para a mente de qualquer maneira: "[...] meaning by the phenomenon, whatever is present at any time to the mind in any way" (C.P. 1.186).

Por quase trinta anos, ele estudou como estes fenômenos se apresentavam para nós. Para tanto, agrupou estes elementos em classes ou categorias, na qual traçaria os seus modos de combinação.

Determinou também que qualquer relação triádica deveria ter o primeiro, o segundo e o terceiro correlato, ou seja, a primeiridade, secundidade e terceiridade.

> As relações triádicas são divisíveis em três modos, por tricotomia, conforme o Primeiro, o Segundo ou o Terceiro Correlato forem, respectivamente, mera possibilidade, existente real ou lei. Estas três tricotomias, tomadas em conjunto, dividem todas as relações triádicas em dez classes (C. P. 2.238).

A primeiridade consiste no primeiro contato que a mente interpretadora tem com seu objeto, que pode ocorrer através da visão, do tato, ou de outro sentido.

Após termos percebido-o estaremos a produzir um sentimento que pode ser de dor, satisfação, tristeza, entre outros, ou seja, é uma mera possibilidade.

Na segundidade, o interprete começará a explorar o objeto, conhecendo-o de quê é constituído, ele é um existente real. E por fim, na terceiridade, será o momento que a mente chegará a uma conclusão do que se trata seu objeto, escolhendo um código para representar o que foi percebido, ou seja, uma lei.

Para melhor visualização do conceito, cito-me como exemplo, quando estive a catalogar as obras da Exposição Feminino Singular, de Priscila Pinto.

O primeiro contato que tive com a série Portrait, foi de fascinação, pois a artista compôs esta série de pinturas com cores vibrantes e contrastantes, as quais chamam a atenção da visão.

Num segundo momento fui observar a representação em cada quadro, que se constituía de figuras femininas, onde não havia preocupação com a fidelidade à forma, a perspectiva foi abandonada por figuras planas e simplificada, o volume conseguido através do claro e escuro das cores aparecia discretamente em alguns pontos da composição, suas linhas

eram ressaltadas por uma cor mais escura que o fundo, havia também palavras recortadas de revista e coladas à pintura. Logo, cheguei à conclusão de que se tratava de uma série com mesclas da tendência ao cubismo sintético, por não ter fidelidade com a realidade e pela colagem de palavras na obra, da tendência ao expressionismo pela expressão de sentimento que marca a tensão psicológica da artista diante os problemas individuais do mundo moderno, e da tendência ao fauvismo pela intensidade ou exagero da cor que contém alto grau expressivo, com ênfase no uso de cores contrastantes e puras, o que confere à artista uma linguagem própria.

Vale ressaltar que cada mente interpretadora terá uma percepção diferente da minha, dependendo do seu conhecimento do código utilizado pela artista.

Nisto observamos que um signo gerou outro signo, que gerou outro e assim infinitamente.

"Qualquer coisa que conduz alguma outra coisa (seu interpretante) a referir-se a um objeto ao qual ela mesma se refere (seu objeto), de modo idêntico, transformando-se o interpretante, em signo, e assim sucessivamente *ad infinitum*" (C. P. 2.303).

Na citação anterior, dois novos termos foram empregados como sendo também signos, que são: objeto e interpretante. Vejamos a seguir, o que significam e como agem uns sobre os outros.

> Quanto ao Objeto, pode ser o Objeto enquanto conhecido no Signo, e portanto uma Idéia, ou pode ser o Objeto tal como é, independentemente de qualquer aspecto particular seu, o Objeto em relações tais como seria mostrado por um estudo definitivo e ilimitado. Ao primeiro destes denomino Objeto Imediato, ao último, Objeto Dinâmico (C. P. 8.183).

Logo, o objeto imediato será quando sua representação mental é tal com ele se apresenta para nós, não deixando dúvidas em nossa mente quando o observamos. Como exemplo, citamos a série Rioespera (figura 23), do artista Paulo Trindade. Na hora identificamos nas fotos, um homem sentado em cima de um toco de ferro, local onde ficam as

correntes que ancoram as balsas, que servem para os barcos, dos diversos municípios do Amazonas, desembarcar suas mercadorias e passageiros.

Já o objeto dinâmico, a tendência é produzir dúvidas, pois ele está em constante dinamicidade de significados. Continuemos com o exemplo anterior: quando eu penso no que o homem da foto estar a esperar, começam a surgirem dúvidas... Será algum barco, motorzinho ou canoa que está esperando? Ou será que está à espera de um milagre? De alguém que possa ajudá-lo a ter de volta a casa que a enchente levou, ou o salário do mês que perdeu todo no jogo do bicho, o amor da sua vida que o deixou? Enfim, a espera de uma saída para aquela terrível situação!

Observe que numa simples foto surgiram inúmeras hipóteses do que poderia estar o homem a esperar.

Após isso, sigamos para o significado do termo interpretante que é tido como uma regra e hábito, por intermédio dos quais um signo é transformado em outro signo. O interpretante é dividido em: imediato, dinâmico e final.

> Quanto ao Interpretante, ou melhor, a "significação" ou "interpretação" de um signo, devemos distinguir entre um Interpretante Imediato e outro Dinâmico, tal como fizemos com os Objetos Imediatos e Dinâmicos. Todavia, cumpre observar também que existe um terceiro tipo de Interpretante, que denomino Interpretante Final porque é aquilo que *finalmente se decidiria* ser a interpretação verdadeira se considerasse o assunto tão profundo que se pudesse chegar a uma opinião definitiva (C. P. 8.184).

No interpretante imediato haverá apenas a possibilidade de produzir um signo, já no interpretante final não haverá mais dúvidas ou modificações quanto à interpretação do signo, como acontece no interpretante dinâmico, efeito tal que por sua vez se subdivide em três níveis: emocional, energético e lógico.

Emocional, é quando o efeito se realiza como qualidade de sentimento; o energético será quando o efeito é da ordem de um esforço físico ou psicológico, uma ação física ou

mental; e lógico quando funciona com regra de interpretação (PEIRCE apud SANTAELLA, 2005).

E assim, Peirce formulou as divisões dos signos em três tricotomias: “o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral; [...] a relação do signo para com seu objeto, [...] seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade” (C. P. 2.243).

Vejamos como funciona cada uma dessas tríades.

As que dizem respeito ao o signo em si mesmo for uma mera qualidade, um existente concreto ou uma lei geral, que são: qualissigno, sinsigno e legissigno.

“Um *Qualissigno* é uma qualidade que é um Signo. Não pode realmente atuar como signo até que se corporifique” (C. P. 2.244).

Assim o qualissigno será as qualidades que o signo irá provocar em nós, por exemplo, quando se sente um cheiro e que você ainda não sabe identificá-lo, no entanto mexe com o seu olfato. Ou quando você ouve uma música que te deixa triste, mas você não sabe o porquê. Enfim, é tudo que se é percebido pelos sentidos, mas que ainda não conseguimos defini-lo com precisão.

“Um *Sinsigno* [...] é uma coisa ou evento existente e real que é um signo. E só o pode ser através de suas qualidades, de tal modo que envolve um qualissigno ou, melhor, vários qualissignos” (C. P. 2.245).

Continuemos com o exemplo do cheiro, suponhamos que você conseguiu decifrá-lo, é de amendoim torrado, você agora consegue materializar o cheiro que estava a sentir.

“Um Legissigno é uma Lei que é um Signo. Normalmente esta lei é estabelecida pelos homens” (C. P. 2.246).

Ou seja, é o conjunto de leis que você utilizou para chegar à nomeação do cheiro que sentiu, e isto só foi possível porque utilizastes a lógica relacional, que é quando relacionamos o que sentimos a experiências anteriores.

Agora, veremos a segunda tricotomia: a relação do signo para com seu objeto (ícone, índice e símbolo).

Ícone é quando o signo se assemelhar ao seu objeto e se esta semelhança pertencer ao próprio signo.

> Um *Ícone* é um signo que se refere ao Objeto que denota apenas em virtude de seus caracteres próprios, caracteres que ele igualmente possui quer um tal Objeto realmente exista ou não. [...] Qualquer coisa, seja uma qualidade, um existente individual ou uma lei, é Ícone de qualquer coisa, na medida em que for semelhante a essa coisa e utilizado como um seu signo (C. P. 2.247).

Um exemplo prático disto é a série intitulada Motor I, II e III (figura 15), da artista Bárbara Teófilo, percebam que a pintura se assemelha com o barco ou motor de linha, que fica ancorado no Porto Fluvial de Manaus, logo, ícone será uma imagem que se assemelhará com o que você está a visualizar.

Ainda, dentro dos signos icônicos, segundo Peirce apud Santaella (2002), poderão ser divididos também em três níveis que são: imagem, diagrama e metáfora, também chamados de hipoícones. A imagem é quando estabelece uma relação de semelhança com seu objeto apenas na aparência. O diagrama será ao representar seu objeto por similaridade entre as relações internas que o signo exibe com as relações internas do objeto que o signo visa representar. E a metáfora representa seu objeto por similaridade no significado do representante e do representado.

> Um *Índice* é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto. [...] Na medida em que o Índice é afetado pelo Objeto, tem ele necessariamente alguma qualidade em comum com o Objeto, e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao Objeto (C. P. 2.248).

Como exemplo citamos a série Rio Polock (figura 27), do artista Tito Andrade; através das fotos que ele tirou das manchas no rio, podemos induzir que ali havia um barco ou uma lancha, ou seja, as manchas de óleo diesel justamente indicam que um motor a diesel esteve ali.

E por último temos o Símbolo, que como exemplo, citamos os vocábulos que se formam através de regras ou convenções impostas pela Língua Portuguesa.

> Um *Símbolo* é um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de uma lei, normalmente uma associação de ideias gerais que opera no sentido de fazer com que o Símbolo seja interpretado como se referindo àquele. Assim, é, em si mesmo, uma lei ou tipo geral, ou seja, um Legissigno (C. P. 2.249).

Agora veremos a terceira tricotomia: seu interpretante representá-lo como um signo de possibilidade: rema, dicente e argumento.

"Um *Rema* é um Signo que, para seu Interpretante, é um Signo de Possibilidade qualitativa, ou seja, é entendido como representando esta e aquela espécie de Objeto possível. Todo Rema propiciará, talvez, alguma informação, mas não é interpretado nesse sentido" (C. P. 2. 250).

A exemplo de um signo Rema temos o momento em que eu percebi as cores da Série Portrait, da artista Priscila Pinto, como foi citado anteriormente. Aquelas cores me chamaram atenção por serem cores vibrantes e contrastantes.

"Um *Signo Dicente* é um Signo, que, para seu Interpretante, é um Signo de existência real. [...] Um Dicissigno necessariamente envolve, como parte dele, um Rema para descrever o fato que é interpretado como sendo por ela indicado" (C. P. 2.251).

Já o signo Discente, seria o momento que comecei analisar os fatos, ou seja, como foi feita a composição daquelas obras.

> Um Argumento é um Signo que, para seu Interpretante, é Signo de lei. Podemos dizer que um Rema é um Signo que é entendido como representando seu objeto apenas em seus caracteres; que Dicissigno é um signo que é entendido como representando seu objeto com respeito à existência real; e que um Argumento é um Signo que é entendido como representando seu Objeto em seu caráter de Signo (C. P. 2.252).

E o signo Argumento, foi na hora que encontrei argumentos para afirmar que a série Portrait se tratava de pinturas com tendências ao expressionismo e fauvismo, pelas imagens remeterem certa melancolia e o uso exagerado da cor; e ao cubismo sintético, por se tratar de uma pintura despreocupada com a realidade, sem perspectiva, com colagens de palavras na obra, formando uma nova linguagem, própria da artista Priscila Pinto. Enfim, reuni vários argumentos para chegar a esta conclusão.

Depois de entendermos essas três tricotomias, Peirce disse ainda que estas "em conjunto, proporcionam uma divisão dos signos em DEZ CLASSES DE SIGNOS, das quais numerosas subdivisões têm de ser considerada" (C. P. 254).

Assim teremos:

1ª classe: Qualissigno, Icônico, Remático

2ª classe: Sinsigno, Icônico, Remático

3ª classe: Sinsigno, Indicial, Remático

4ª classe: Sinsigno, Indicial, Dicente

5ª classe:Legissigno, Incônico, Remático

6ª classe: Legissigno, Indicial, Remático

7ª classe: Legissigno, Indicial, Dicente

8ª classe: Legissigno, Símbolo, Remático

9ª classe: Legissigno, Símbolo, Dicente

10ª classe: Legissigno, Simbólico, Argumento

Logo, ao fazermos qualquer análise semiótica de uma obra artística, esta deverá estar inserida em uma destas dez classes de signos.

2.2 Os objetos artísticos sob o ponto de vista dos Elementos Formais

Para comunicarmos verbalmente é necessário que conheçamos os elementos básicos da escrita, que são as letras, a ortografia, a gramática e a sintaxe. Uma vez, os dominado, somos capazes de compreender qualquer vocábulo, de escrevermos excelentes textos, até mesmo de criar um próprio estilo de escrita.

Na arte também não é diferente, precisamos conhecer os elementos visuais básicos que constituem uma obra, para então podermos criar nossa própria técnica ou estilo.

Segundo Barros (2007) os elementos básicos que materializam uma imagem estão divididos em três categorias: os elementos morfológicos da representação (o ponto, a linha, o plano, a textura, a cor e a forma), os elementos dinâmicos (o movimento, a tensão e o ritmo) e os elementos escalares (a dimensão, o formato, a escala e a proporção).

Vejamos a seguir cada uma dessas categorias.

2.2.1. Os elementos morfológicos da representação

- O Ponto

"O ponto é a unidade de comunicação visual mais simples e irredutivelmente mínima" (DONDIS, 2007, p. 53).

Se lhe derem um papel A4 em branco com um ponto pequenino no final da folha, sua tendência será apenas de notar o ponto. Segundo Dondis (2007) qualquer ponto tem grande poder visual sobre os olhos, esteja ele só ou ligado a outros pontos, e acrescenta ainda que em grande número e justapostos são capazes de criar a ilusão de cor, que foi justamente essa fusão dos pontos que Seurat explorou em seus quadros pontilhistas.

Mas, o mesmo processo acontece quando imprimimos na impressora, a impressão nada mais é que pontos justapostos (figura1).

Figura 1 – Pontos justapostos
FONTE: Dondis, 2007.

- A Linha

"Quando os pontos estão tão próximos entre si que se torna impossível identificá-los individualmente, aumenta a sensação de direção, e a cadeia de pontos se transforma em [...] linha" (Dondis, 2007, p. 55).

A linha é usada para fazer hachuras, que dão a ilusão de volume (figura 2) ou também de textura como acontece nos desenhos industriais que mostram a área onde deve ser cortada. Outras vezes ela serve para contornar o desenho e na diagonal representa tridimensionalidade (figura 3).

Figura 2 – Desenho com hachuras
FONTE: Lopes, 2012.

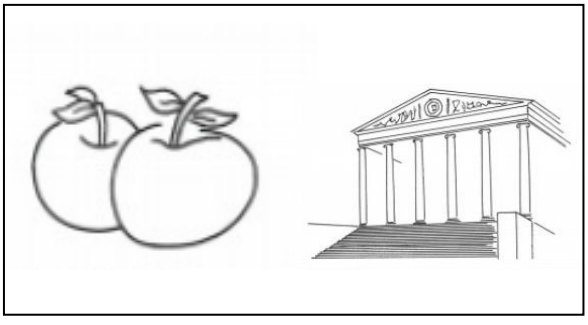

Figura 3 – Da esquerda pra direita: contorno/ tridimensionalidade
FONTE: Dondis, 2007.

- O Plano

“Pode-se referir ao plano representacional (plano original) como espaço físico, normalmente conhecido como suporte da imagem. [...] como elemento morfológico bidimensional limitado por linhas e outros planos” (BARROS, 2007, p.45).

Ou pode ser definido também como “o lugar onde se desenvolve uma composição visual, onde serão ajustados todos os elementos da composição” (SENAC, 2006, p.19).

Assim, o plano é compreendido como o espaço da representação (figura4).

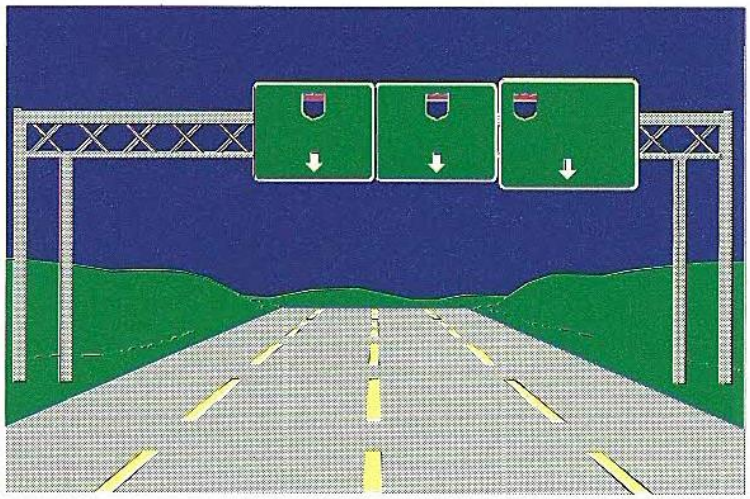

Figura 4 – Plano
FONTE: Gomes Filho, 2000.

- A Textura

“A textura é o elemento visual que com freqüência serve de substituto para [...] o tato. Na verdade, porém, podemos apreciar e reconhecer a textura tanto através do tato quanto da visão, ou ainda mediante uma combinação de ambos” (DONDIS, 2007, p.70).

Quantas vezes você foi a uma exposição e não sentiu a vontade de tocar no quadro para senti-lo melhor, principalmente quando este tem alto relevo? Garanto que na hora que

você pensou em erguer a mão em direção à obra, alguém o proibiu de tocar e ainda reforçou: veja, com os olhos e não com as mãos!

Segundo Barros (2007), isso acontece porque desde muito cedo somos educados a não tocar nas coisas que não são nossas, então, nós transferimos a responsabilidade do tato para a visão. É por isso que você quer tocar na obra, quer saber se é áspero ou macio, ou ainda arenoso ou aveludado.

Um bom exemplo de textura na imagem é o autorretrato de Van Gogh, parece até que a pintura é cheia de ondulações e áspera (figura 5).

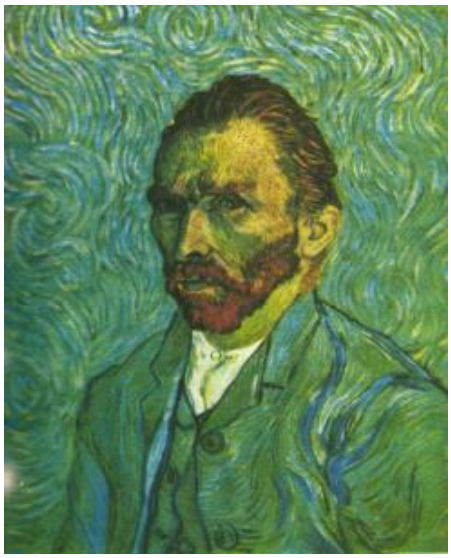

Figura 5 – Autorretrato, Vicent Van Gogh, 1889
FONTE: Ostrower, 1983.

Na obra artística, este efeito de textura é falseado pelos materiais utilizados na pintura, como a tinta grossa aplicada com espátula, também pela fotografia que é o caso da série Rio Polock (figura 27), do artista Tito Andrade, pela colagem de diversos materiais prontos, como o tecido que a artista Elizabeth Lima utilizou na obra Composição Enfestada I e II (figura 18), entre outros recursos visuais.

- A Cor

A cor, de acordo com Villafañe, "[...] é uma forma visível de energia luminosa, resultado da excitação das células fotorreceptoras da retina" (2000 apud BARROS, 2007, p.47).

Ou seja, a cor é uma sensação apreendida pela retina do observador, logo ela só existirá se o observador tiver seu aparelho visual em perfeito estado.

Segundo Fraser (2007) o que descreverá a nuança de uma cor é seu matiz que é a cor em si, dividida em cores primárias (azul, amarelo e vermelho), secundárias (violeta, verde e laranja) e terciárias (que é o resultado da mistura das primárias e secundárias); a saturação que é a pureza relativa de uma cor; e o brilho que é as gradações tonais que vai do claro ao escuro.

Veja a seguir exemplos das dimensões da cor (figura 6)

Figura 6 – Dimensões da cor: matizes num círculo cromático, saturação e brilho
FONTE: Fraser, 2007.

- A Forma

"A forma pode ser definida como a figura ou imagem visível do conteúdo. A forma nos informa sobre a natureza da aparência externa do objeto. Tudo que se vê possui forma" (GOMES FILHO, 2000, p.41).

A forma é a aparência das coisas que o artista quer retratar (figura 7). Pode ser fiel a realidade, ou estilizada, ou ainda geometrizada, entre outros tipos.

Figura 7 – A forma ilustrada da Priscila Pinto
FONTE: Maisel, 2012.

2.2.2. Os elementos dinâmicos da imagem

- Movimento

"O movimento visual é definido como função de velocidade e direção. Ele está relacionado com o sistema nervoso que cria a sensação de mobilidade e rapidez" (GOMES FILHO, 2000, p.67).

Barros (2007, p.50) acrescenta: "O movimento ocorre em decorrência de outros fatores: a seqüência, a simultaneidade, formato e as direções das imagens".

O movimento na imagem abaixo dá a sensação de que a cena retratada não está estática e sim em constante dinamicidade (figura 8).

Figura 8 – Michelangelo – A batalha de Cascina, 1440
FONTE: Barros, 2007.

- Tensão

Barros (2007, p.50) afirma que a tensão sempre vai depender da ocorrência das proporções, da forma, da orientação e do contraste dinâmico nas imagens.

Figura 9– O grito - Munch
FONTE: Barros, 2007.

A irregularidade das linhas na figura acima causa uma tensão na visão, o que deixa a imagem com certa dramaticidade (figura 9).

- Ritmo

"O ritmo é um movimento que pode ser caracterizado como um conjunto de sensações de movimentos encadeados ou de conexões visuais ininterruptas, na maior parte das vezes, uniformemente contínuas ou seqüencias ou semelhantes ou, ainda, alternadas" (GOMES FILHO, 2000, p.69).

O ritmo vai fazer com que você percorra por toda a composição. Pode ser conseguido através das cores ou com imagens sequenciais como podemos observar na figura a seguir.

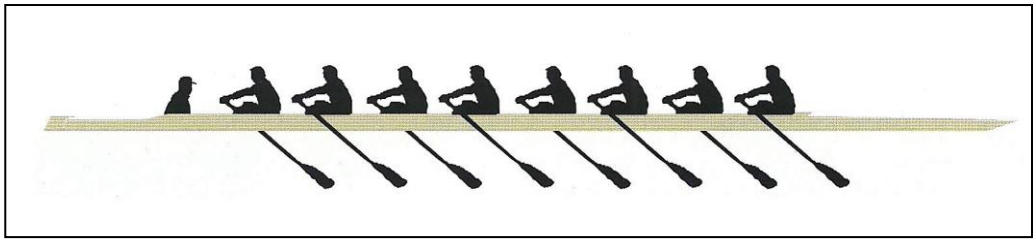

Figura 10 – Ritmo
FONTE: Gomes Filho, 2000

2.2.3. Os elementos escalares da imagem

- Dimensão

A dimensão é o tamanho da imagem. [...] outra função plástica do tamanho é a *hierarquização interna* dos personagens, segundo Barros (2007, p.48).

Na Idade Média era comum haver personagens maiores que os outros, numa composição, pois indicava o grau da importância deste elemento. Observe a figura 11 a seguir, o anjo nesta composição tem dimensão maior que os pastores.

Figura 11– Iluminura Medieval, ano 1000, Anunciação aos pastores
FONTE: Ostrower, 1983.

- Formato

O formato de uma imagem é a relação proporcional que existe entre seus lados, afirma Barros (2007).

Os formatos mais conhecidos são o A4, A3, A2 e A1.

- Escala

"A escala sempre vai estabelecer uma certa proporção entre os referidos elementos ou categorias – escala natural, reduzida ou ampliada por exemplo: 1:1, 1:10 ou 10:1, nesse caso dimensional" (GOMES FILHO, 2000, p.72).

A escala é muito usada em desenhos de engenharia, mas para o artista é uma forma de aumentar ou diminuir um desenho.

- Proporção

Proporção é "relações entre as medidas do contorno de um campo visual ou de um objeto e as medidas das partes ocupadas por elementos nele dispostos ou montados podem ser arbitrárias ou obedecer a uma ordem matemática, geométrica ou determinada intuitivamente" (GOMES FILHO, 2000, p.73).

A proporção foi muita pelos gregos para criarem seus objetos e templos.

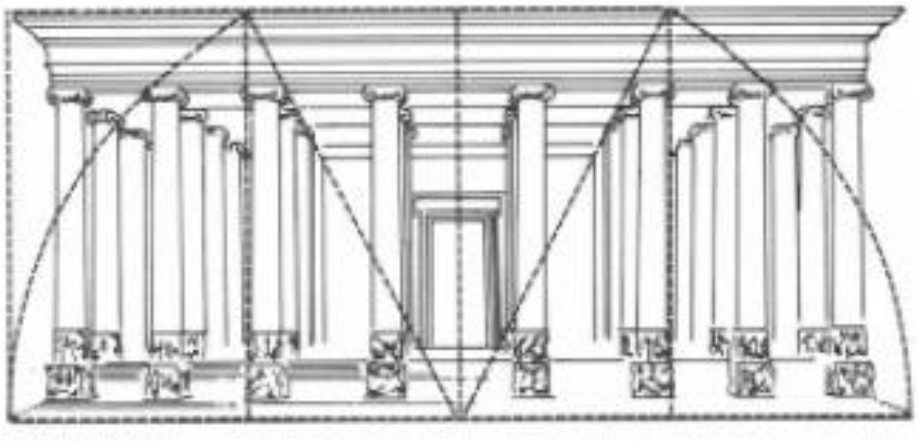

Figura 12 – Exemplo de Proporção
FONTE: Barros, 2007.

2.3 Os objetos artísticos sob o ponto de vista das Tendências Artísticas

Depois do grande acontecimento da Semana de 22, que ocorreu nas Artes Plásticas no Brasil, as tendências para o século XXI seria além da diversidade no uso das cores, textura e formas, a multiplicação das linguagens e diversificação dos materiais usados pelos artistas em suas obras.

A arte brasileira se diversificou em novos caminhos, não há mais um único conceito e técnica utilizada por todos os artistas, as obras agora são expostas em grandes espaços públicos como ruas, janelas até mesmo em ambientes virtuais, não mais em salões como outrora acontecia, enfim, como afirma Zago (2010, p. 204):

> Estamos vivenciando um processo artístico de multiplicidade de linguagens, ou seja, uma hibridização não só das linguagens como também das culturas.
> Quanto ao engajamento social, tema frequente das manifestações artísticas expressionistas e figurativas, será agora redimensionado para a arte ambiental, conceitual ou virtual e o que há ainda por vir.

E a mistura dessas tendências e meios pelo quais a arte se materializa é que justamente, pretendemos identificar nas obras dos artistas amazonenses pesquisados.

Na exposição coletiva Novos Quinze, vemos nas obras, Composição Enfestada I e II, de Elizabeth (figura 18); Série estruturas, de Kartejane Castro (figura 20) e Série Rio Polock, de Tito (figura 27), a tendência abstracionista, que de acordo com Costa (2006, p.10) é "... toda representação não figurativa, isto é, que não apresenta figuras reconhecíveis de imediato [...] preocupando-se com formas geométricas ou não -, cores, composição, texturas, pesos, manchas e relevos".

Já nas obras, Série dos Tempos, de Andreza Santos (figura 14); Vídeo Movimento Aleatório, de Cintia Louzada (figura 16); Descanso/Pontas de Terra, de Jailson Reis (figura 19); Natucorpus I e II, de Leandro Tapajós (figura 21); E Vejo Flores em Você, de Maria

Guedes (figura 22); Série Rioespera, de Paulo Trindade (figura 23); Destribalizados, de Shalom (figura 25); Masosadô e Sadomasô, de Sheldon Sacramento (figura 26); Misteria, Dana, Iris e Prelúdio, de Valter Mesquita (figura 28); e Zuzu Chanel I e II, de Rosário Naranjo (figura 24) a tendência é conceitual, pois dá para perceber que o enfoque da sua arte é o conceito.

> [...] a arte conceitual não apresenta uma "obra". Existe apenas o projeto de uma ação futura ou uma situação imaginada. Irrealizável que seja, tal projeto poderá ser documentado com longas descrições, fotografias, slides, diagramas. Ou então mostram-se peças e objetos que, em determinados conjuntos, devem sugerir uma situação e eventuais significados (OSTROWER 1983, p.341)

> O tema da obra conceitual é a arte que se expõe como totalidade. A obra não é um fim em si: existe como um meio para a realização da arte como conceito. [...] renovaram-se os meios, passando a predominância para a fotografia, o offset, o xérox, a serigrafia, o vídeo e a linguagem escrita (COSTA, 2006, p.30).

E os meios que eles utilizaram para concretizar suas obras foram: a pintura, o desenho, a fotografia e a escultura, somadas às técnicas - vídeo-arte (figura16), infografias (figura 46), assemblages (figura 47), objetos e artefatos do cotidiano como o simples balanço usado na obra Três Balanços, de Priscila Pinto (figura 68).

Enfim, percebemos que estes artistas contemporâneos comentaram em suas obras a vida cotidiana, tanto em suas grandezas quanto em suas banalidades.

3 BIOGRAFIAS

3.1 Artistas da Exposição Coletiva Novos Quinze

A Exposição Coletiva Novos Quinze foi resultado da conclusão do Curso de Formação Artística do Centro Cultural Cláudio Santoro (CCCS), órgão mantido pela Secretaria de Cultura do Estado do Amazonas (SEC); na qual, quinze, estudantes, novos artistas emergiam no cenário da Arte Contemporânea em Manaus, no ano de 2005.

A exposição ficou aberta de 13 de setembro a 01 de novembro do corrente ano, no Espaço José Rezende, na Usina Chaminé.

A seguir, na figura 13, da esquerda para a direita, vemos alunos preparando o objeto artístico que ficava no meio do salão, logo em seguida, o objeto pronto na exposição, e por último, o detalhe da obra.

Figura 13 – Exposição Novos Quinze, 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Segundo Cardoso (2005), tais jovens artistas, almejavam praticar e buscar novas leituras artísticas, e principalmente utilizar novas mídias na composição de suas obras; deixando para trás tudo o que faziam, distanciando-se, inclusive de suas afinidades técnicas. Alguns poderão dar respostas no futuro se continuarem a persistir em seus trabalhos, porque a decisão de seguir e fazer diariamente a arte acontecer pertence somente ao artista, na solidão

de seu momento.

Realmente, desta exposição alguns permanecem atualmente expondo seus trabalhos em diversos locais culturais da cidade, outros, no entanto, sumiram ou seguiram outra profissão, entretanto, o que vale ressaltar é justamente a importância de se ter espaços que ensinem, ou melhor, que despertem o olhar sobre o fazer artístico.

Na sequência veremos quem foram estes quinze estudantes artistas e seus respectivos objetos artísticos nesta exposição, como também um breve currículo de suas vidas, segundo Cardoso (2005).

Andreza Santos (Manaus-Am. 1988)

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2004, na Exposição Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé. Ganhou o prêmio Menção Especial no 5º Salão Curupira de Artes Plásticas, realizado pela Associação Amazonense de Artistas Plásticos (AMAP), no Instituto Cultural Brasil Estados Unidos (ICBEU), com a obra Brincando com a vida. E em 2005 expôs do VI Salão de Artes Novos Talentos, no ICBEU.

Bárbara Teófilo (Manaus-Am. 1981)

Graduada em Licenciatura em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Ana Bárbara de Souza Teófilo participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2004, na Exposição Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé; no V Salão de Artes Novos Talentos, no ICBEU; na Exposição coletiva Toque Sensual e, Fauna e Flora da Amazônia do Grupo Tribo+Arte, no Porto de Manaus. E em 2010, na exposição coletiva Terra Hum, no ICBEU.

Cintia Louzada (Manaus–Am. 1982)

Graduada em Letras, pela Universidade Paulista – UNIP.

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2004, na Exposição Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé; no V Salão de Artes Novos Talentos, no ICBEU; na Exposição coletiva Toque Sensual e, Fauna e Flora da Amazônia do Grupo Tribo+Arte, no Porto de Manaus. E em 2010, na exposição coletiva Terra Hum, no ICBEU.

Elina Siqueira (Manaus-Am. 1960)

Graduada em Psicologia, pelo Centro Universitário Nilton Lins, Maria Elina Siqueira participou de oficinas de pintura e desenho artístico e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2004, na Exposição Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé; na Exposição Santos Festeiros e Juninas, no Palácio Rio Branco; e nas Exposições Desbravadores em Artes Plásticas e Visão Amazônica, ambas realizadas no Porto de Manaus.

Elizabeth Lima (Manaus-Am. 1953)

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2004, na Exposição Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé; na Exposição coletiva Visão Amazônica e Toque Sensual, do Grupo Tribo+Arte, no Porto de Manaus; no V Salão Curupira de Artes Plásticas, realizado pela AMAP, no ICBEU. E em 2010, na exposição coletiva Terra Hum, também no ICBEU.

Jailson Reis (Manaus-Am. 1986)

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2002, na Exposição Individual Meus Desenhos, na Secretaria Municipal de Infra-estrutura (SEMINF). Em 2003, na Exposição Individual Dia do Índio, na Escola Estadual Presidente Castelo Branco; na Exposição Coletiva Pinturas Contemporâneas, na Faculdade Fametro. Em 2004, na Exposição Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé; da Exposição coletiva Olhos da Amazônia, no Porto de Manaus; no V Salão de Artes Novos Talentos no ICBEU; na Exposição Santos Festejo, na Assembléia Legislativa de Manaus. E em 2010, expôs na exposição coletiva Terra Hum, no ICBEU

Kartejane Castro (Manaus–Am. 1978)

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2002 na Exposição Coletiva de Alunos do CCCS, na Usina Chaminé. Em 2004 expôs na Exposição Coletiva Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé e na Exposição De Coração, na Casa das Artes.

Leandro Tapajós (Manaus-Am. 1984)

Cursava na época Comunicação Social – Jornalismo, no Centro Universitário do Norte (UNINORTE). Fotografou e escreveu sobre cultura e arte para jornais, revistas e sites regionais. É um autodidata contemporâneo, no entanto, admira o tradicional, presente no folclore e cultura popular amazônica. O tema principal de suas pinturas é o fator humano, suas expressões e gestos. Em 2010 expôs na exposição coletiva Terra Hum, no ICBEU.

Maria Guedes (Manaus-Am. 1959)

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2003, na Exposição dos Alunos do CCCS, na Usina Chaminé. Em 2004, na Exposição Semana da Bandeira, no Palácio Rio Branco; na Exposição Desbravadores da Arte, no Porto de Manaus; no 5º Salão Curupira de Artes Plásticas, realizada pela AMAP, no ICBEU; no V Salão de Arte Novos Talentos, no ICBEU; ganhou o prêmio do Edital Apoio à Produção Artística 2004, da Secretária de Cultura do Estado do Amazonas (SEC). Em 2005, expôs no VI Salão de Arte Novos Talentos, no ICBEU.

Paulo Trindade (Manaus-Am. 1984)

Graduado em Licenciatura em Artes Plásticas na UFAM.

Expôs em 2004, no V Salão de Artes Novos Talentos, no ICBEU. Em 2005, foi selecionado para Mostra Lina Bo Bardi de Artes Visuais na IV Bienal de Cultura e Arte da União Nacional dos Estudantes (UNE), na Fundação Bienal de São Paulo. E expôs no Vibro Práticas Artísticas, no Centro de Artes da Universidade do Amazonas (CAUA).

Rosário Naranjo (Manaus-Am. 1937)

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2003 na Exposição Novos Talentos, no ICBEU; na Exposição dos alunos do CCCS, na Usina Chaminé. Em 2004, na Mostra Itinerante Novos Artistas Plásticos, na Universidade Nilton Lins; na Exposição Semana da Bandeira, na Assembléia Legislativa; na Exposição Talentos da Maturidade, patrocinado pelo Banco Real Nacional; no 5º Salão Curupira de Artes Plásticas, realizada pela AMAP, no ICBEU; e ganhou o prêmio do Edital Apoio à Produção Artística 2004, da SEC.

Shalom (Manaus-Am. 1984)

Wanderson Souza participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2002, na Exposição dos Alunos do CCCS, na Usina Chaminé. Em 2003, na Exposição Artista Itinerantes, no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Em 2004, na Exposição Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé; na Exposição coletiva Visões Amazônicas, Desbravadores da Arte e Toque Sensual, do Grupo Tribo+Arte, no Porto de Manaus; na Exposição Bandeira da Tribo, na Assembléia Legislativa. E em 2005, na Exposição Aquarelas, na Casa das Artes.

Sheldon Sacramento (Manaus-Am. 1976)

Participou de oficinas e do Curso de Formação Artística no CCCS.

Expôs em 2004, na Exposição coletiva Visão Amazônica, no Porto de Manaus. Em 2005, na Exposição Aquarelas, na Casa das Artes; e no VI Salão de Artes Novos Talentos ganhou o prêmio Novos Talentos categoria Primitiva.

Tito (Careiro-Am. 1976)

Francisco Carlos de Souza Andrade participou em 1999 do curso Espiritual na Arte, no CCCS. Em 2000, teve sua primeira exposição individual que se chamava Dramas e Conflitos Humanos, no Galvez Botequim, na época segundo o jornal A Acrítica, as obras também estiveram à venda. Em 2002, expôs na reinauguração do Centro de Artes Chaminé, pelo CCCS. Em 2003, participou do curso Leitura da Arte Contemporânea, no Liceu de Artes e Oficios/SEC e do curso de Formação Artística, no CCCS. Em 2004, expôs no Espaço+Arte, realizada pelo Núcleo de Artes Plásticas do CCCS, na Usina Chaminé; e na exposição De

Coração, na Casa das Artes. Em 2005 expôs no VI Salão de Artes Novos Talentos, no ICBEU onde ganhou o prêmio em primeiro lugar na categoria Contemporâneo. Atualmente está cursando Licenciatura Plena em Artes Plásticas, na UFAM.

Valter Mesquita (Manaus-AM. 1981)

Valter Frank de Mesquita Lopes é graduado em Licenciatura em Artes Plásticas, pela UFAM e, atualmente, é professor Mestre e Coordenador do Curso de Licenciatura em Artes Plásticas, da UFAM.

Expôs em 1996 na Exposição Coletiva, da Usina Chaminé. Em 2004, na Faculdade de Tecnologia da UFAM; e venceu o concurso Arte Selecionada, do Comando Naval da Amazônia Ocidental. Em 2005, expôs no VI Salão de Artes Novos Talentos, no ICBEU; também no VII Salón Internacional de Arte Digital, no Centro Cultural de La Torriente Brau La Habana/CUBA; na Mostra Lina Bo Bardi de Artes Visuais na IV Bienal de Cultura e Arte da UNE, na Fundação Bienal de São Paulo. E expôs no Vibro-Práticas Artísticas, no CAUA. E em 2010, na Exposição Coletiva Terra Hum, no ICBEU.

3.2. Priscila Pinto

Priscila de Oliveira Pinto Maisel, que atende pelo nome artístico Priscila Pinto, nasceu em 29 de maio de 1978, natural de Manaus, capital do Amazonas, é artista plástica e visual, ilustradora, poetisa.

Em 2000, formou-se em Bacharelado em Direito pela Universidade do Amazonas (UA), mas algo lhe dizia que ainda não era aquela profissão que queria exercer. Então, em 2001, ingressou no curso Educação Artística (UFAM) que, em 2002, foi transformado em Licenciatura Plena em Artes Plásticas (UFAM).

Fez sua especialização em Tecnologia Educacional com ênfase em recursos didáticos

multimídia, pela UFAM, concluindo-a em 2004. Passado mais três anos, em 2006, concluiu enfim a sua segunda graduação pela Universidade Federal do Amazonas.

Foi professora de 2002 a 2005 e em 2007, pelo Liceu de Artes e Ofícios Cláudio Santoro, antigo CCCS.

Atualmente é professora Especialista do Departamento de Artes da UFAM. Ao longo de sua carreira, realizou mais de 25 exposições de pinturas, desenhos, infografias, objetos e instalações, com técnicas e suportes variados, tendo como temáticas recorrentes o ser humano, a solidão, o sonho, a memória, a natureza e a cultura amazônica.

Quando perguntada sobre qual é o seu estilo, a artista se define como contemporânea, por trabalhar com as mídias que têm relação com o conceito que procura passar em cada trabalho e buscar referências no seu cotidiano e contexto cultural.

Vejamos agora sua extensa produção artística.

- Mostra Coletiva Talentos da Caricatura e do Cartum (Serviço Social do Comércio – SESC, dezembro de 1999).
- Mostra individual de caricaturas (Restaurante Fiorella, maio/2000);
- II Salão Amazonas de Humor, Quadrinhos e Animação (no Centro Cultural Palácio Rio Negro, julho de 2001);
- II Salão de Artes Novos Talentos (no ICBEU, abril-maio/2001);
- III Salão de Artes Novos Talentos (no ICBEU, abril-maio/2002);
- IV Salão de Artes Novos Talentos (no ICBEU, abril-maio/2003);
- Exposição dos professores de Artes Plásticas do CCCS (Galeria da Central de Atendimento ao Turista – CAT , 09/2002 a 07/2003).
- Manaus Expoarte (exposição de alunos e ex-alunos de Artes da UFAM, no Museu Amazônico, outubro/2003)

- Pintura: Exercícios (exposição de alunos de Artes da UFAM, no CAUA, fevereiro e março/2004)
- Exposição dos artistas do Projeto Arte Manaus (na Fundação Villa Lobos -Memorial Álvaro Maia, 10/03/2004).
- Exposição de artes plásticas de alunos, ex-alunos e professores do Departamento de Artes da UFAM (semana comemorativa da inauguração do prédio do Curso de Artes no Instituto de Ciências Humanas e Letras - ICHL, 30/03 a 02/04/2004)
- V Salão de Artes Novos Talentos (no ICBEU, maio/2004)
- V Salão Curupira de Artes Plásticas (no ICBEU, agosto/2004)
- Mostra Coletiva de Arte Amazonense (Reunião Regional do SBPC/AM, na Faculdade de Tecnologia -UFAM, de 23 a 25/09/2004)
- V Salão Manaus Marinhas (no ICBEU, dezembro/2004)
- Mostra de Escultura do Curso de Artes Plásticas (Departamento de Artes, na UFAM, dezembro de 2004)
- Exposição Coletiva VIBRO-Práticas Artísticas (no CAUA, maio-junho/2005)
- Feminino Singular (Exposição individual: pinturas e instalação, na Usina Chaminé, no Espaço Jerusa Mustafa, em 24/05 a 24/08/2005)
- Exposição Coletiva de Xilogravura e Oficinas Pedagógicas (exercícios de Artes dos alunos do Curso de Artes Plásticas da UFAM, no CAUA, 15/09 a 14/10/2005)
- Arte Manaus (exposição coletiva da Fundação Villa Lobos, com a série Mapas, no Amazonas Shopping, 23 a 28/10/2005, e na AFEAM, 09 a 19/11/05)
- IX Salão Manaus - Marinhas (participação com pinturas, na Usina Chaminé, dezembro de 2008)
- Exposição Coletiva Zonarte (no SESC, com as pinturas e série de infografias, novembro de 2008).

- Exposição Coletiva Crônicas do Ambiente (Participação com a instalação Notas de um Lugar - infografias e elementos naturais, no CAUA, 01/10 a 14/11/2008);
- Exposição Coletiva Terra Hum (com a instalação O Jardim da Artista, infografias e poema adesivado, no ICBEU, de 30/03 a 26/04/2010);
- Madeira-Memória (Exposição individual, pintura s/ madeira, no Palácio da Justiça, de 29/07 a 17/10/2010).
- Exposição Coletiva no Festival até o Tucupi (participação com a instalação Florestas de mim, composta de imagens digitais, cordas, fitas e poema impresso, 11/2011);
- O Jardim da Artista II, (Mostra individual na Exposição de Arte Digital, no Museu Amazônico, de junho a julho de 2012).

Ganhou os seguintes projetos e prêmios.

- Livro de poesia “Um Copo de Mim” selecionado pelo projeto Valores da Terra Literatura, Fundação Villa-Lobos, 2003;
- V Salão de Artes Novos Talentos - PRÊMIO 3º lugar com a pintura "Favela I" (ICBEU – maio/2004)
- Artista selecionada pelo Projeto Arte Manaus – Fundação Villa-Lobos, 2003-2005, com a série Mapas.
- Artista mapeada pelo Programa Rumos Artes Visuais 2005/2006 - Itaú Cultural, com a “série Mulheres de Manaus”: 12 inversões digitais e 12 fotografias de pintura.
- Prêmio Manaus & Poesia, com o poema Maloca, pela Academia Amazonense de Letras, 2010.
- Prêmio Alfredo Fernandes para Literatura Infantil, com a obra Bichos da Amazônia, no Concurso Literário Cidade de Manaus, da Fundação Municipal de Cultura e Artes

(ManausCult), 2011.

O acervo da artista encontra-se nos seguintes locais:

- Acervo pessoal e familiar.
- Acervo do CAUA, Série Notas de um lugar, aquisição em 2005.
- Acervo da ManausCult, a obra D´aqui pr´ali, aquisição em outubro de 2005.
- Acervo da SEC. Obras: Três balanços e Memórias do além-rio: a canoa, aquisição em fevereiro de 2011.

4 CATALOGAÇÃO DAS OBRAS

4.1 Exposição Novos Quinze

Obra: Série dos Tempos (figura 14), de Andreza Santos.

Figura 14 – Fotografia digitalizada; 30 x 40 cm cada; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Série Motor I, II e III (figura 15), de Bárbara Teófilo.

Figura 15 – Acrílica sobre tela; 0.66 x 0.93 cm, 0.74 x 0.95 cm, 0.74 x 0.95cm; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Vídeo Movimento Aleatório (figura 16), de Cintia Louzada.

Figura 16 – Vídeo instalação; 5 min; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: O Banho (figura 17), de Elina Siqueira

Figura 17 – Acrílica sobre tela; 1.60 x 1.20 cm; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Composição Enfestada I e II (figura 18), de Elizabeth Lima.

Figura 18 – Colagem, tecido s/ papel; 0.75 x 0.95 cm cada; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Descanso/ Pontas de Terra (figura 19), de Jailson Reis.

Figura 19 – Descanso/ Pontas de Terra; instalação; dimensões variadas; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Série Estruturas (figura 20), de Kartejane Castro.

Figura 20 – Fotografia digitalizada; 0.30 x 0.40 cm cada; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Natucorpus I e II (figura 21), de Leandro Tapajós.

Figura 21 – Acrílica sobre tela; 0.69 x 0.88 cm, 0.80 x 0.60 cm; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: E Vejo Flores em Você (figura 22), de Maria Guedes.

Figura 22 – Mista, colagem s/ papel; 0.80 x 1.00 m; 2005
FONTE: Cardoso, 2005.

Obra: Rioespera (figura 23), de Paulo Trindade.

Figura 23 – Fotografia digitalizada; 1.80 x 9 cm cada; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Zuzu Chanel I e II (figura 24), de Rosário Naranjo.

Figura 24 – Acrílica s/ papel; 0.46 x 0.32 cm; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Destribalizados (figura 25), de Shalom.

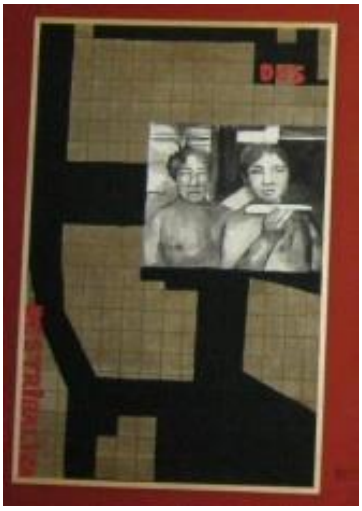

Figura 25 – Acrílica s/ Duratex; 1.65 x 1.10 m; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Masosadô e Sadomasô (figura 26), de Sheldon Sacramento.

Figura 26 – Mista, desenho; 0.50 x 0.40 cm cada; 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Série Rio Polock (figura 27), de Tito.

Figura 27 – Fotografia digitalizada; 0.30 x 0.40 cm cada, 2005
FONTE: Andrade, 2005.

Obra: Brisa (figura 28), de Valter Mesquita.

Figura 28 – arte digital (infografia); 0.50 x 0.50 cm; 2005
FONTE: Lopes, 2012.

Obra: Dana (figura 29), de Valter Mesquita.

Figura 29 – arte digital (infografia); 0.50 x 0.50 cm; 2005
FONTE: Lopes, 2012.

Obra: Iris (figura 30), de Valter Mesquita.

Figura 30 – arte digital (infografia); 0.50 x 0.50 cm; 2005
FONTE: Lopes, 2012.

Obra: Prelúdio (figura 31), de Valter Mesquita.

Figura 31 – arte digital (infografia); 0.50 x 0.50 cm; 2005
FONTE: Lopes, 2012.

4.2 Exposição Feminino Singular

Na proposta de instalação da Exposição Feminino Singular, Maisel (2005) comenta que sua pretensão era expor rostos criados a partir da observação de diversas expressões humanas, o qual tornava uma revelação pessoal, o que atribuía um teor autobiográfico ao seu trabalho, assim, criar rostos seria uma forma de se recriar.

O uso de cores fortes e contrastantes, principalmente do vermelho, tinha por intuito dar intensidade a sua pintura, na qual eram acrescidas imagens, partes de escritos (poemas ou textos), o qual concedia outras possibilidades de interpretação, logo escrita e imagem se interagem, estimulando o espectador a se indagar sobre significados que vão além de simples semblantes inventados.

Esta exposição foi composta pelas séries: Janelas de Dentro, Portrait, Les Fêmmes; as obras, Cobra Criada, A Criadora de Cobra. No folder e no cartaz da exposição veio impresso o poema “Abro minhas janelas”.

Poema: Abro minhas janelas, de Priscila Pinto

sou mulher de se entregar

(não de se guardar em armário junto das louças finas)

sou carne – embora me vista de vento

sou vermelho – de um tom indefinido e vário

(nunca mais serei azul)

meu sangue corre como rio de lava

que me esquenta a alma e o sexo

e sob minha pele e sobre minha pele

meus segredos e meus desejos:

tomá-los!

Obra: Série Janelas de Dentro/ sem título (figura 32), Priscila Pinto.

Figura 32 – Técnica mista s/ madeira; 6 janelas de 1,10 X 90 cm cada; 2005
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Noite Vermelha (figura 33), Priscila Pinto.

Figura 33 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Nada (figura 34), Priscila Pinto.

Figura 34 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Ai! (figura 35), Priscila Pinto.

Figura 35 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Patético (figura 36), Priscila Pinto.

Figura 36 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ A Pensadora (figura 37), Priscila Pinto.

Figura 37 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Solidão (figura 38), Priscila Pinto.

Figura 38 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Amor-Arte (figura 39), Priscila Pinto.

Figura 39 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ A Espera (figura 40), Priscila Pinto.

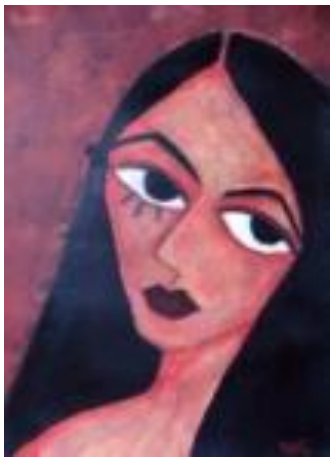

Figura 40 – Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Tão Longe (figura 41), Priscila Pinto.

Figura 41 – Técnica mista s/ papel canson; 42 x 59,4 cm; 2004
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Petra (figura 42), Priscila Pinto.

Figura 42 – Técnica mista s/ papel canson; 48,5 x 66 cm; 2005
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Rosa (figura 43), Priscila Pinto.

Figura 43 – Técnica mista s/ papel canson; 48,5 x 66 cm; 2005
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Portrait/ Luana (figura 44), Priscila Pinto.

Figura 44 – Técnica mista s/ papel canson; 48,5 x 66 cm; 2005
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Série Lê Femmes/ sem título (figura 45), Priscila Pinto.

Figura 45 – Pintura s/ tela e sem chassi; tamanhos variados (s/id); 2005
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: Cobra Criada (figura 46), Priscila Pinto.

Figura 46 – Objeto de esponja e cetim pintado com acrílica; 6,30 m; 2005
FONTE: Maisel, 2005.

Obra: A Criadora de Cobra (figura 47), Priscila Pinto.

Figura 47 – A Criadora de Cobra; acrílica s/ tela e s/ chassi; 2,00 m x 0,80 cm; 2005
FONTE: Maisel, 2005.

4.3 D’aqui p’ra li

Em entrevista, a artista revela que a obra D’aqui p’ra li (figura 48) foi uma obra que fez parte da série Mapas Inventados que começou em 2005, mas nunca terminou. Essa pintura falava de “trajetórias, do espaço geográfico que também é o espaço habitado por nossas almas, nasceu de uma vontade de cruzar territórios e descobrir meus próprios caminhos” Maisel (2011, p.1).

Esta série ficou em exposição coletiva no Amazonas Shopping, selecionada pelo Projeto Arte Manaus, da Fundação Villa Lobos, em 2005. Atualmente a obra D’aqui p’ra li pertence ao acervo da Prefeitura Municipal de Manaus.

Obra: D’aqui p’ra li (figura 48), Priscila Pinto.

Figura 48 – Mista sobre compensado; 76 x 110 cm; 2005
FONTE: Maisel, 2011.

4.4 O Jardim da Artista

Maisel (2011) afirma que a instalação “O Jardim da Artista” (figura 49), foi sobre um jardim criado, que fora inspirado no sítio da sua família no Município Rio Preto da Eva, no Amazonas, local onde a artista residia diretamente. Para tanto, foram selecionadas as melhores imagens fotográficas de plantas que a artista capturou, num total de doze fotos, que depois foram modificadas no computador, cuja técnica é chamada de infografia. E o poema adesivado nasceu juntamente com a organização dessas imagens nesta instalação. A partir

dessa experiência em residir numa área rural, a natureza passa a aparecer como temática no seu trabalho.

Esta instalação fez parte da Exposição Coletiva Terra Hum, realizada no Instituto Cultural Brasil Estados Unidos (ICBEU) no período de 30 de março a 25 de abril de 2010, sob a curadoria de Sérgio Cardoso.

Poema s/ título

o jardim que plantei em mim
se faz de cores inventadas,
de primaveras que juntei todas
e misturei num copo do mundo.
meu jardim é assim: belo e estranho,
pequeno e também imenso,
cabe nos cantos de tudo
e não está em lugar nenhum.
o jardim que sonhei para mim
é uma verdade imaginária,
um refúgio, um bálsamo,
um espaço impensável
de uma botânica fantástica
que existe sem nem existir.
minhas flores e folhagens,
minha terra enriquecida,
meus elementos queridos
de formas estilizadas...
ah, jardim de mil faces
mostra-te inteiro, enfim!

Figura 49 – "Jardim da Artista", proposta da instalação, dimensões variadas; 2010
FONTE: Maisel, 2011.

Figura 50 – "Jardim da Artista", infografias s/ título, 30 x40cm cada; 2010
FONTE: Maisel, 2011.

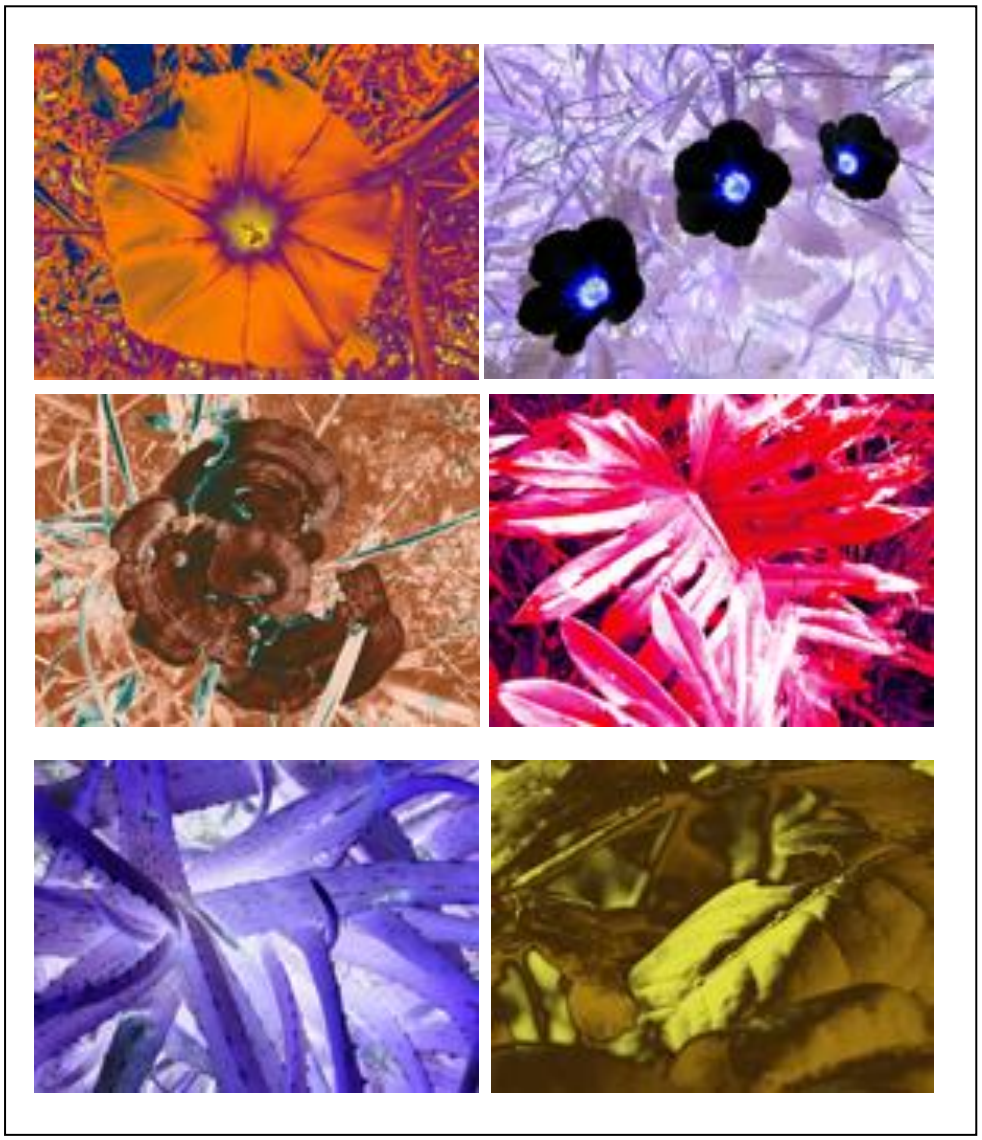

Figura 51 – “Jardim da Artista”, infografias s/ título, 30 x40cm cada; 2010
FONTE: Maisel, 2011.

4.5 Exposição Madeira Memória

Na exposição Madeira - Memória, Maisel (2011) comenta que nasceu a partir de sua condição financeira da época, como não possuía dinheiro suficiente para comprar telas ou imprimir imagens digitais, começou a observar a madeira que estava espalhada pelo seu sítio e a imaginar uma possível exposição com esses elementos, assim a artista reviu todos objetos

de madeira pessoais construindo uma história, daí nasceu o “conceito da madeira como portadora da memória pessoal e coletiva amazônica, dialogando com a cultura e a natureza” (p.2).

> Quando os objetos se perdem no abandono ou na degradação carregam aquilo que um dia representaram e o que lhes resta de humanidade. Coisas sem mais utilidade ou sobras de construção, partes de móveis quebrados e objetos largados pelos cantos ou guardados nos porões são reanimados e salvos do esquecimento do mundo.
>
> A madeira, material que condensa o passado de uma árvore, de um tempo, de um lugar, enfim, o passado de ser alguma coisa, é base desta exposição. Neste sentido, instala-se a relação entre passagem do tempo, degradação/esquecimento e reaparecimento através da memória e da imaginação. A arte resgata o ser esquecido, num apelo das coisas inteiras que não estão mais aqui, das coisas que foram úteis um dia e dos seus sentidos perdidos.
>
> Madeira-memória é, assim, a minha interpretação do possível significado de conteúdo material e imaterial de objetos e pedaços de madeira perdidos no tempo e reencontrados pelo ser. Apresento objetos, painéis e pequenas peças em três salas: memórias da casa, memórias da infância e memórias do além-rio. (MAISEL, 2010, p.1)

Poema: sem título, de Priscila Pinto

memórias são águas
das imensidões da alma
sonhadas, vividas e não vividas.
copos a transbordar:
e a lembrança alcança
o contido, o perdido, o escondido
por tantas luas passadas...
alegrias, lágrimas e segredos
incrustados na madeira
dos objetos e dos brinquedos
da canoa encantada

da casa em que se viveu

da cama em que se sonhou

da caixa em que se guardou

o amor que nunca morreu...

Na 1ª Sala desta Exposição encontrava-se, Memórias da casa: Coisas da casa.

A artista revela que:

> Pedaços de parede são como testemunhas de um tempo que se foi; ouvidores dos antigos moradores da casa; a cama desmembrada, em partes que relembram o que nunca virou realidade, apenas ficou na madeira como memória de sonho; os esteios, colunas da casa, que tanto guardaram daquilo que sustentaram; a porta do armário de cozinha, que tanto ouviu das mulheres do lugar... O banquinho de canto que suportou objeto de se sentar e de se pisar para alcançar algo... Que memórias! (MAISEL, 2010, p.2)

Obra: Memória do Armário (figura 52), Priscila Pinto.

Figura 52 – Mista s/ madeira; 0,73 cm x 1,40 m; 2009
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memória do Banquinho (figura 53), Priscila Pinto.

Figura 53 – Mista s/ madeira; 0,47 x 0,27 cm; 2010
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias da Parede I: a moça (figura 54), Priscila Pinto.

Figura 54 – Mista s/ madeira; 0,43 x 0,81 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias da Parede II: mãe e filha (figura 55), Priscila Pinto.

Figura 55 – Mista s/ madeira; 0,46 x 0,81 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias da Parede III: a menina azul (figura 56), Priscila Pinto.

Figura 56 – Mista s/ madeira; 0,49 x 0,81 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias da Parede IV: o chão (figura 57), Priscila Pinto.

Figura 57– Mista s/ madeira; 0,41 x 0,97 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias do Esteio I: as nove mulheres (figura 58), Priscila Pinto.

Figura 58– Mista s/ madeira; 0,78 x 0,16 x 0,16 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias do Esteio II: a noite mágica (figura 59), Priscila Pinto.

Figura 59 – Mista s/ madeira; 0,82 x 0,14 x 0,16 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias do Esteio III: pedaço de casa (figura 60), Priscila Pinto.

Figura 60 – Mista s/ madeira; 0,89 x 0,16 x 0,16 c m; 2009
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias da Moldura I: da paisagem que não existe mais (figura 61), P. Pinto.

Figura 61 – Mista s/madeira; 0,52 x 0,41 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias da Moldura II: do rosto perdido (figura 62), Priscila Pinto.

Figura 62 – Mista s/madeira; 0,41 x 0,52 c m; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias da Moldura III: natureza-morta (figura 63), Priscila Pinto.

Figura 63 – Mista s/madeira; 0,30 x 0,40 c m; 2010
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias do Sonho I: cabeceira de ilusões (figura 64), Priscila Pinto.

Figura 64 – Mista s/madeira; 0,90 x 0,95 c m; 2009
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Memórias do Sonho II: ao pé da noite (figura 65), Priscila Pinto.

Figura 65 – Mista s/madeira; 0,42 x 0,97 c m; 2009
FONTE: Maisel, 2010.

Obras: Memórias do Sonho III: do lado de cá; e Memórias do Sonho IV: do lado de lá, (figura 66), Priscila Pinto.

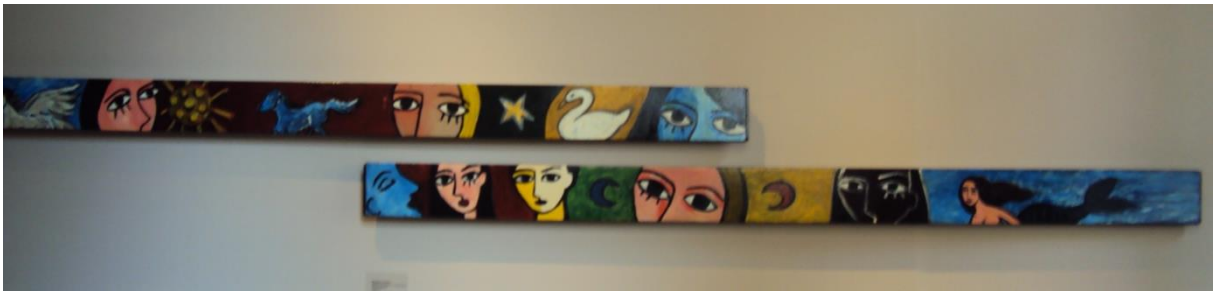

Figura 66 – Ambas são mista s/madeira; 0,12 x 1,90 m; 2009
FONTE: Maisel, 2010.

Na 2ª. Sala da Exposição ficava a série Memórias da infância:

> Lembrança do brinquedo e da fantasia de quem tudo transforma e em tudo acredita... O pedaço de madeira que vira um cavalo veloz; os blocos e brinquedos de montar; a lembrança da casa em que se morou tão distante na mente, tão pobrezinha; os balanços pendurados nas árvores do quintal; o sonho de voar como um pássaro; o primeiro amor; ou o bauzinho cujos maiores tesouros eram as belas coisas que podiam ser achadas e guardadas num lugar secreto e tão especial... (MAISEL, 2010, p. 2)

Obra: Blocos de Brincar (figura 67), Priscila Pinto.

Figura 67 – Blocos de brincar; mista s/madeira; 1,05 m x 20 cm; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Jogo de Pecinhas (figura 68), Priscila Pinto.

Figura 68 – Mista s/madeira; 0,50 x 0,47 cm; 2010
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Amor Inventado e O Pássaro-Sonho (figura 69 da esquerda p/direita), P. Pinto.

Figura 69 – Mista s/ madeira; 0,33 x 9,5 x 9,5 cm/ 13 x 13 x 13 cm; 2008
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Cavalinho de Pau (figura 70), Priscila Pinto.

Figura 70 - Mista s/ madeira; 104 x 0,32 cm; 2009
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Bauzinho de Tesouros (figura 71), Priscila Pinto.

Figura 71 – Objeto de madeira com peças variadas; 16,5 x 12,5 x 10 cm; ano indefinido
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Três Balanços (figura 72), Priscila Pinto.

Figura 72 – Mista s/ madeira; 0,50 x 0,20 cm cada; 2010
FONTE: Maisel, 2010.

Obra: Retratos de Meninas (figura 73), Priscila Pinto.

Figura 73 – Mista s/ madeira; 150 x 0,25 cm; 2010
FONTE: Maisel, 2010.

Na 3ª Sala temos a Memórias do além-rio: a canoa. A cerca desta sala a artista comenta:

> A canoa, símbolo amazônico de ir e vir, memória dos tempos e das águas, das cheias, das pescas, das lendas que a avó contava, referência regional, indígena, material que vai além da própria madeira, atravessa a alma de um povo, num outro mundo de mistério, num quê de espiritual e profundo... (MAISEL, 2010, p. 1)

Obra: A Canoa (figura 74), Priscila Pinto.

Figura 74 – Mista s/ madeira; 430 x 83 x 27 cm; 2009
FONTE: Maisel, 2010.

5 CONTEXTUALIZAÇÃO

Todos esperavam pelo século XXI como o século do avanço em todas as áreas, economia, tecnologia, medicina e etc, entretanto, com essa esperança veio a realidade que muitas vezes nos obrigou a assistir a fatos que jamais pensaríamos que fosse acontecer como o atentado terrorista que destruiu o prédio símbolo dos EUA, o World Trade Center, em 11 de setembro de 2001(EPOCA, 2009).

Foram tantos acontecimentos, que nos deteremos apenas ao período de 2000 a 2010, onde estaremos a resumir os principais fatos desta década, a qual antes mesmo de ser iniciada, já era esperada com grande precaução por parte das empresas em todo o país, pois os empresários temiam que o bug do milênio danificasse todos os dados de seus computadores, mas nada passou de um grande susto e um grande gasto desnecessário nos cofres empresariais, na compra de software para combater tal ação. Em 24 de novembro de 2000, o New York Times anunciava o Brasil em suas páginas como o bom exemplo de eleição totalmente eletrônica com retumbante sucesso, pois em pouco tempo foram contados todos os votos e sem acontecer fraude alguma (VEJA, 2000); e em dezembro surgia o pen drive que objetivava substituir o disquete, além de fazer backup’s com facilidade e armazenar sistemas e aplicativos mais utilizados (ESCOLA, 2000).

Em 2002, o Brasil se tornava pentacampeão na Copa do Mundo de Futebol (EPOCA, 2009). E em outubro, Luiz Inácio Lula da Silva se tornava o Presidente da República, depois de três tentativas eleitorais sem sucesso; já no começo do mês de abril de 2003, forças americanas tomavam Bagdá e, no dia 09, uma multidão derrubaram a estátua de Saddam na praça de Fadus; e em 14 de dezembro, era anunciada a captura e prisão de Saddam Hussein (BBC, 2003).

Aqui em Manaus, no dia 19 de abril de 2004, acontecia no Centro Cultural Usina Chaminé, a exposição coletiva Espaço+Arte que reunia obras de 43 alunos do Núcleo de Artes Plásticas do Centro Cultural Claudio Santoro, juntamente com obras de 16 renomados artistas plásticos e de 8 fotógrafos (ABRAHIM, 2004).

Em 15 de setembro de 2005, na Galeria do CAUA, ocorria a Exposição Coletiva Exercícios de Arte, composta por alunos do curso de Licenciatura em Educação Artística, da UFAM, esta exposição foi o resultado das atividades dos alunos das disciplinas Xilogravura e Oficinas Pedagógicas Aplicadas às Artes Plásticas II (BORGES, 2005). E em 20 de setembro era instituído o programa Computador para Todos (Decreto nº 5542), que reduzia totalmente o preço dos computadores, tornando-os acessíveis à população de baixa renda. Também neste ano o Rio Solimões batia o recorde de seca na Amazônia (EPOCA, 2009).

Janeiro de 2006, mais precisamente no dia 03, era aberta ao público, na Galeria do Largo, a Exposição Visões Contemporâneas, que reunia obras dos artistas: Otoni Mesquita, Jair Jacqmont e Sérgio Cardoso, nas quais a tecnologia digital foi usada como uma nova maneira de fazer arte. Nesta exposição Otoni expôs 13 gravuras digitais intituladas Inscripções, já o Jair fotografou a própria casa, depois passou a imagem para o computador onde a pintou digitalmente e intitulou de Olhar + Artista; e o Sérgio fotografou em máquina analógica cenas do nosso cotidiano e deu o nome de Cinema Meu, pois por meio de cenas marcantes de filmes ele enxergava a vida no Amazonas, inclusive a seca (KOTINSKI, 2006); e no dia 06 de julho, acontecia também na Galeria do Largo a Exposição Batepalma, de Jandr Reis na qual retratou a cúpula do Teatro Amazonas a partir de imagens de sua infância (VALETIM, 2006). E mais uma vez, no dia 11 de agosto, a Galeria do Largo abria suas portas para o público contemplar a Cidade de Santa Anita, uma grande maquete de uma metrópole criada pelo historiador amazonense Mário Ypiranga Monteiro, e que foi restaurada pela SEC,

órgão também responsável em mantê-la permanentemente exposta neste local (ACRÍTICA, 2006).

Em 28 de julho de 2007, morreu vítima de câncer, a Prof[a]. Dr[a]. Maria Bernadete Mafra de Andrade, da Universidade Federal de Manaus – UFAM; "mãe, artista plástica, fundadora do Partido dos Trabalhadores em 1980, uma mulher militante, preocupada com a Amazônia, preocupada com o ensino, com uma vida dedicada às artes". (PEDRO, 2007, p.26007)

Quatro ex-alunos, Elizabeth Lima, Leandro Tapajós, Marcelo Ramos e Paulo de Olivença, do Centro Cultural Claudio Santoro, apresentaram no dia 08 de maio de 2008 a mostra Ante o nu, no Centro Cultural Usina Chaminé, com fotografias, esculturas, instalações e pinturas que retratavam a nudez de forma romântica, inocente, erótica e fetichista (FARIAS, 2008).

Em 18 de abril, acontecia no Ananã Bistrô a Exposição Esferotoni, do artista plástico Otoni Mesquita, que expôs 12 desenhos feitos com BIC produzidos em 2008 sobre xerox de imagens realizadas em 1983(ACRITICA, 2008); também no dia 19 de junho, Otoni Mesquita, Jair Jacqmont, Sérgio Cardoso e Fernanda Preto, abriam na galeria do ICBEU a Exposição 4 Tempos, que mesclava fotos, pintura e vídeos digitais que dialogam com o tempo (STOCO, 2008). E no dia 20, era a vez do artista plástico Zeca Nazaré abrir a Exposição Arquivos Digitoartesanais Amazônicos, na Galeria do Largo, que tinha por proposta caminhar entre o natural e o virtual (FERREIRA, 2008).

A Escola Arte & Cia promoveu em 2009, o I Festival de Cinema de Animação do Amazonas (Faam Festival) apresentou uma programação com mostras, palestras e oficinas (HERMIDO, 2009). Em 20 de agosto, na galeria do ICBEU acontecia a Exposição ArchéOlhar, do artista Otoni Mesquita, "as obras são resultado dos estudos étnicos realizados pelo artista e mostram aspectos amazônicos e mesopotâmicos" (NADJANARA, p. C/4,

2009). E em 25 de agosto, morreu aos 63 anos o grande artista Anibal Beça, vítima de uma infecção generalizada com problemas renais decorrentes do Diabetes (MAZIERI, 2009).

Em 08 de fevereiro de 2010, o Governo do Estado do Amazonas inaugurava a Escola Estadual de Tempo Integral Marcantonio Vilaça, em homenagem ao advogado e artista plástico Marcantonio Vilaça, que morreu aos 37 anos, em janeiro de 2000, e que foi o grande responsável pela abertura do mercado internacional para artistas brasileiros. Assim, para esta solenidade o governo convidou o presidente da Academia Brasileira de Letras, Marcos Vilaça, a estar em Manaus para receber a justa homenagem ao seu filho (ABL, 2010).

No dia 28 de maio era realizada na galeria do CAUA, a Exposição Coletiva Projeções, onde os artistas "Bárbara Teófilo, Paulo Olivença e o 'Coletivo Artístico Graúna' expõem suas artes e conceitos com fotos, vídeo e estêncil" (SANTOS, 2010, p. D/3). Também em 16 de setembro deste mesmo ano, acontecia na Galeria do ICBEU a Exposição Coletiva 2 e 3 Dimensões da Arte, formada por obras dos alunos do Curso Licenciatura em Artes Plásticas da UFAM, sob curadoria de Otoni Mesquita (PRETO, 2010).

6 ANÁLISE DAS OBRAS

Figura 37 – A Pensadora; Técnica mista s/ papel cartão; 48,5 x 66 cm; 2004

A obra “A Pensadora” é uma pintura com técnica mista sobre papel cartão; concebida em 2004; pertenceu à Série Portrait, da Exposição Feminino Singular, em 2005, no Espaço Jerusa Mustafa, na Usina Chaminé. Foi composta por imagem e texto que estão

distribuídos simetricamente, proporcionando um conforto visual a quem observa.

Iremos agora, analisar o signo em si mesmo. Nesta obra é possível percebermos diversos qualissignos, são eles: linhas diagonais, retas e curvas, com pinceladas matizadas que variam entre o preto, azul e vermelho; outras linhas são percebidas a partir do degradê formado pela mistura de cores terciárias que podem ser propositais ou não, originando linhas sinuosas amarelas, mescladas com vermelho, branco e verde, no qual é trabalhado um claro/escuro que dá um discreto volume à forma; também há círculos na cor preta sobrepostos em pequenas formas ovais brancas. Ao fundo temos uma mescla de amarelo com vermelho, sobre o qual é escrito uma frase em tom acinzentado; sua dimensão é de 48,5 x 66 cm. O sinsigno nesta obra não existe por se tratar apenas de meras possibilidades, nada há de concreto; e o seu legissigno seria o momento em que leis estabelecidas por homens nomeiam essa técnica de pintura, com pinceladas que tendem ao expressionismo, pela expressividade da imagem e por suas cores intensas.

Vejamos a relação deste signo com seu objeto. Esta pintura nos remete a representação de uma mulher ou um ser feminino, por ter apenas mera semelhança, podemos dizer de que se trata de um ícone, onde o nível em que se encontra, segundo a divisão que Peirce estabeleceu, é a imagem, pela sua relação com seu objeto ser apenas uma aparência. Assim, o índice neste caso não existirá, pois em nada há de existente ou concreto.

O símbolo passa a existir no momento em que lemos o título da obra “A pensadora”, imediatamente associamos a ideia da palavra com a imagem, algo estar a ocupar os pensamentos deste ser; o qual também fica reforçado pela frase escrita ao fundo na composição: “Não me acabo por que nunca chega a ser, sou quase-ser e não me extingo renovo-me antes de morrer”, ou seja, pensar exige renovação de conceitos, dinamicidade de ideias, mas só entendemos de que se trata devido conhecermos os códigos da Língua Portuguesa.

E por último, analisemos o interpretante representá-lo como um signo de possibilidade. O interpretante imediato nesta imagem sugere a figura de uma mulher ou um ser feminino, que possui o potencial de ser interpretado como tal, tão logo encontre um intérprete para si.

Em nível de interpretante dinâmico podemos dizer que se trata de emocional, pois o ícone tende a produzir certas qualidades de sentimento no seu interpretante, no caso, a representação feminina nos remete a um olhar enigmático, onde ninguém sabe ao certo se está triste ou com raiva, ou simplesmente indiferente a tudo o que lhe rodeia, ou ainda se está a desejar algo de ruim para outro ser; e lógico, que é quando um signo é interpretado através da associação de ideias que estabelece com seu objeto, no caso, o símbolo que é o título se conecta a representação de uma mulher pensadora.

E por fim, teremos o interpretante final, que é remático por ser meras possibilidades, tanto de representação, no caso um ser feminino, como de conceituação, pois ao lermos o título da obra "A Pensadora" e a frase ao fundo, nos sugere a ideia de que este ser feminino está sempre a renovar o seu pensar, como um ser que nunca está completo ou acabado, e sim em constante transformação de suas atitudes ou ideias. Note também que a frase num tom acinzentado dá ideia de que esta frase não está ali, é algo subliminar, para representar que se trata de um pensamento dela.

Assim poderíamos classificá-lo na primeira classe de signos, que é o Qualissigno Icônico Remático, pois é apenas uma possibilidade que nos remete a ideia de um ser feminino, neste caso um ícone.

Quanto ao signo em si mesmo, ou seja, o Qualissigno, as qualidades do signo, a obra se apresenta em signos que provocam sensações, meras possibilidades de signos. Por outro lado, estas sensações também são provocadas pelo objeto imediato, o signo icônico, onde nos dá as possibilidades organizadas pelas cores e formas; quanto ao interpretante final, o signo

leva-nos a pensar em apenas remas, que para Peirce, rema significa um signo simples ou substitutivo. A interpretação de uma obra plástica, sempre nos levará a pensar em meras possibilidades de interpretação da natureza existente dos signos.

Figura 48 – D'aqui p'ra li; mista sobre compensado; 76 x 110 cm; 2005

A obra "D'aqui p'ra li" é uma pintura com técnica mista sobre compensado; pertenceu à série Mapas Inventados que a artista começou em 2005, mas nunca terminou; é composta por imagens e palavras que foram distribuídos simetricamente nos dois suportes.

Iremos agora, analisar o signo em si mesmo. A pintura possui vários qualissignos, para termos uma visuabilidade melhor destes, iremos começar a descrevê-los pelo fundo, que está na cor azul com vários espirais e pontinhos brancos espalhados por toda a composição, uns são bem visíveis e outros são mais claros, há palavras escritas que se destacam por estarem na

cor branca pura. Também no canto superior esquerdo, há linhas curvas, retas e um ponto na cor preta, sobrepostos nas linhas curvas, retas e diagonais com matizes que vão do amarelo, vermelho ao verde, e há a mesma composição no canto inferior direito no outro suporte logo abaixo deste, o que dá certa continuidade à imagem. Suas dimensões são 76 x 110 cm, em cada um dos quadros.

Observa-se também a presença de três quadrados alaranjados no canto inferior direito do primeiro suporte e somente um quadrado no meio do outro quadro na parte superior, com textura formada pela própria tinta acrílica, que em grande quantidade, torna-a espessa.

O sinsigno nesta obra não existe por se tratar apenas de meras possibilidades, nada há de concreto; e o seu legissigno seria o momento em que leis estabelecidas por homens nomeiam essa técnica de pintura.

Vejamos a relação deste signo com seu objeto. Esta pintura nos remete a representação de mapas, por ter apenas mera semelhança podemos dizer de que se trata de um ícone, que se encontra nos três níveis: imagem, diagrama e metáfora. A imagem, pela sua relação com seu objeto ser apenas uma aparência; o diagrama, por ter similaridade com seu objeto no nível das relações internas; e metáfora por seu desenho, no caso o mapa, representar rotas ou caminhos percorridos. O índice neste caso não existirá, pois em nada há de existente ou concreto.

O símbolo passa a existir no momento em que lemos o título da obra “D’aqui p’ra li”, imediatamente associamos a ideia da palavra com a imagem, caminhos a percorrer, o qual também fica reforçado pelas palavras escrita ao fundo na composição, que diz: por entre rotas imaginárias e caminhos inventados, vou... Lembrando, mais uma vez que só entendemos de que se trata devido conhecermos os códigos da Língua Portuguesa.

E por último, analisemos o interpretante representá-lo como um signo de possibilidade. O interpretante imediato nesta imagem sugere mapas, que possui o potencial de ser interpretado como tal, tão logo encontre um intérprete para si.

Em nível de interpretante dinâmico podemos dizer que se trata de emocional, pois o ícone tende a produzir certas qualidades de sentimento no seu interpretante, no caso, a representação de mapas nos remete a caminhos que percorremos; e lógico, que é quando um signo é interpretado através da associação de ideias que estabelece com seu objeto, no caso, o símbolo que é o título se conecta a representação do mapa.

E por fim, teremos o interpretante final que é remático, por ser apenas uma mera possibilidade de representação de um mapa geográfico, que também fica enfatizado pela frase que fala em rotas, caminhos imaginários, o que nos revela uma metáfora, ou seja, é uma forma de dizer que tudo o que a vida lhe ofereça, ela, a artista irá sem medo trilhar este caminho que é identificado no tracejado da linha em cima dos mapas, e reforçado também pelo título da obra que diz “D’aqui p’ra li”, sugerindo a ideia de direção e espaço. O uso excessivo de linhas espirais também sugere dinamismo, ou seja, está em constante movimento.

Assim poderíamos classificá-lo na primeira classe de signos, que é o Qualissigno Icônico Remático, pois é apenas uma possibilidade que nos remete a ideia de mapas, neste caso um ícone.

Quanto ao signo em si mesmo, ou seja, o Qualissigno, as qualidades do signo, a obra se apresenta em signos que provocam sensações, meras possibilidades de signos. Por outro lado, estas sensações também são provocadas pelo objeto imediato, o signo icônico, onde nos dá as possibilidades organizadas pelas cores e formas; quanto ao interpretante final, o signo leva-nos a pensar em apenas remas, que para Peirce, rema significa um signo simples ou substitutivo. A interpretação de uma obra plástica, sempre nos levará a pensar em meras possibilidades de interpretação da natureza existente dos signos.

Figura 49 – Jardim da Artista; instalação; dimensões variadas; 2010

Poema / sem título

o jardim que plantei em mim/se faz de cores inventadas,/de primaveras que juntei todas/e misturei num copo do mundo./meu jardim é assim: belo e estranho,/pequeno e também imenso,/cabe nos cantos de tudo/e não está em lugar nenhum./o jardim que sonhei para mim/é uma verdade imaginária,/um refúgio, um bálsamo,/um espaço impensável/de uma botânica fantástica/que existe sem nem existir./minhas flores e folhagens,/minha terra enriquecida,/meus elementos queridos/de formas estilizadas.../ah, jardim de mil faces/mostra-te inteiro, enfim!

A obra “O Jardim da Artista”, é uma instalação com doze infografias e um poema adesivado; foi concebida em 2010 e, é composta por imagens e texto que foram distribuídos simetricamente na parede do ICBEU.

Analisemos o signo em si mesmo. Nesta obra, mesmo que a imagem exibida não apresente certa nitidez, ainda assim é possível identificar alguns dos seus qualissignos como formas circulares, linhas retas e curvas nas diagonais, pontos, elementos tais que dão a impressão de texturas; possui matizes com gradações tonais de vermelho, amarelo, verde, violeta e preto; observa-se movimento na imagem, proporcionado pelas linhas curvas que dão essa impressão de dinamicidade; em algumas imagens pode-se perceber uma discreta profundidade conseguida pela diminuição de seus elementos; suas dimensões são variadas, cada uma das doze imagens é de 0,30 cm por 0,40 cm, que perfaz um total de 4,8 m no

comprimento e 0,40 cm x 1m o poema adesivado, devido às imagens e o texto terem sido colocados simetricamente na parede, isto proporcionou um conforto visual a quem os observava. Já o sinsigno nesta obra não existe por se tratar de apenas meras possibilidades, nada há de real ou concreto, e o seu legissigno seria o momento em que leis estabelecidas por homens nomeiam essa técnica de infografia (fotos modificadas no computador) com um poema.

Agora vejamos a relação do signo com seu objeto. Por se tratar de fotografias somos levados impetuosamente a pensarmos que se trata de um índice, pois há indícios de que se tratava de um jardim, poderia até ser se não fosse o fato de a artista ter modificado as cores da fotografia no computador, logo, ela diminuiu o potencial do índice, o qual abre um espaço maior para o ícone, pois é apenas uma semelhança de formas orgânicas da natureza, não estão mais ali tal e qual, foram fotografadas, e o nível que este signo icônico se encontra, segundo a divisão que Peirce estabeleceu, é a imagem, pela sua relação com seu objeto ser apenas uma aparência.

Já o símbolo vai existir no momento em que lemos o título da obra e o poema, pois só entendemos de que se trata devido conhecermos os códigos da Língua Portuguesa.

E por último, não menos importante que os outros, analisemos o interpretante representá-lo como um signo de possibilidade.

O seu interpretante imediato são as fotos e o poema que possuem o potencial de serem interpretados com tal, logo que encontrem um intérprete para si. Em nível de interpretante dinâmico podemos dizer que se trata de emocional e energético, pois no primeiro caso, o ícone tende a produzir certas qualidades de sentimento no seu interpretante, e o energético, no caso seu índice dirigem nossa atenção na direção do objeto que eles indicam.

E por fim, teremos o interpretante final, que é remático por ser uma mera possibilidade de jardim, principalmente quando lemos o título da obra “Jardim da Artista”, entendemos que

pode se tratar de algo relacionado ao mundo em que está inserida a artista, o qual é reforçado na leitura do poema, que nos dá a ideia de diversidades ou estágios da vida da artista, que são descritas no texto.

Assim poderíamos classificá-lo na primeira classe de signos, que é o Qualissigno Icônico Remático, pois é apenas uma possibilidade que nos remete a ideia de um jardim, neste caso um ícone, suas qualidades, neste caso as cores, reforçam tal ideia.

Quanto ao signo em si mesmo, ou seja, o Qualissigno, as qualidades do signo, a obra se apresenta em signos que provocam sensações, meras possibilidades de signos. Por outro lado, estas sensações também são provocadas pelo objeto imediato, o signo icônico, onde nos dá as possibilidades organizadas pelas cores, texturas e formas; quanto ao interpretante final, o signo leva-nos a pensar em apenas remas, que para Peirce, rema significa um signo de possibilidade qualitativa para seu interpretante.

A interpretação de uma obra plástica, sempre nos levará a pensar em meras possibilidades de interpretação da natureza existente dos signos.

Figura 74 – A canoa; Mista s/ madeira; 430 x 83 x 27 cm; 2009

A obra “A canoa”, é um objeto artístico com técnica mista sobre madeira; foi

concebida em 2009; e pertenceu a Exposição Madeira Memória, onde ficou na sala Memórias do além-rio. Atualmente está em exposição no Centro Cultural Povos da Amazônia.

Analisemos o signo em si mesmo. Os qualissignos neste objeto possuem linhas em zigue-zague, sinuosas, espirais, curvas e retas, nas cores: amarelo, vermelho e preto. Ao fundo do objeto há presença da cor vermelha sobreposta no alaranjado, com pontinhos pretos espalhados por todo objeto, também há pontos azuis, amarelos, alaranjados e brancos pela extensão. Suas dimensões são 4,30 x 83 x 27 cm.

O sinsigno nesta obra não existe por se tratar apenas de meras possibilidades, pois a partir do momento que a canoa é retirada do seu local funcional, que no caso é o rio, ela passa a ser apenas uma representação, nada há mais de existente; e o seu legissigno seria o momento em que leis estabelecidas por homens nomeiam essa técnica de objeto artístico.

Vejamos a relação deste signo com seu objeto. Este objeto nos remete a representação de uma canoa e a elementos do nosso folclore amazônico, por ter apenas meras semelhanças, podemos dizer de que se trata de ícones que se encontram nos dois níveis: imagem e metáfora.

A imagem, pela sua relação com seu objeto ser apenas uma aparência; e metáfora por seu objeto, no caso a canoa, representar transporte, ou seja, a artista faz a união dessas representações para dizer que todo caboclo carrega ou transporta em sua memória esses elementos folclóricos. O índice neste caso não existirá, pois em nada há de existente ou concreto.

O símbolo passa a existir no momento em que lemos o título da obra “A canoa”, imediatamente associamos a ideia da palavra com o objeto artistico, que no caso, é a representação de uma canoa. Para tanto, só entendemos de que se trata devido conhecermos os códigos da Língua Portuguesa e o tipo de transporte fluvial.

E por último, analisemos o interpretante representá-lo como um signo de possibilidade. O interpretante imediato neste objeto sugere uma canoa, que possui o potencial de ser interpretado como tal, tão logo encontre um intérprete para si.

Em nível de interpretante dinâmico podemos dizer que se trata de emocional, pois o ícone tende a produzir certas qualidades de sentimento no seu interpretante, no caso, a representação de uma canoa com elementos folclóricos amazônicos em si desenhados, nos remete a transportar ou carregar consigo estes seres; e lógico, que é quando um signo é interpretado através da associação de ideias que estabelece com seu objeto, no caso, o símbolo que é o título se conecta a representação de um transporte.

E por fim, teremos o interpretante final que é remático, por ser apenas uma mera possibilidade de representação de uma canoa que é o transporte do caboclo no interior, no qual foram pintados elementos do nosso folclore amazônico, como o boto, a vitória amazônica, a iara, a cobra grande e a frase "vomitando gente, parindo cidades", logo, acima da imagem da cobra, fazendo referência à cobra-canoa da etnia Dessana, que segundo esta etnia foi a que vomitou as pessoas na terra formando as cidades, daí também o porquê de ter várias imagens que nos remete a variedade de povos, ou seja, a miscigenação. A artista faz a união dessas imagens para dar a ideia que todo caboclo carrega em sua memória essas lendas conhecidas entre o povoado desta região, e que desde pequenininhos ouviam de seus pais, avós e vizinhos lhes contarem.

Assim poderíamos classificá-lo na primeira classe de signos, que é o Qualissigno Icônico Remático, pois é apenas uma possibilidade que nos remete a ideia de canoa e seres lendários, neste caso, ícones.

Quanto ao signo em si mesmo, ou seja, o Qualissigno, as qualidades do signo, a obra se apresenta em signos que provocam sensações, meras possibilidades de signos. Por outro lado, estas sensações também são provocadas pelo objeto imediato, o signo icônico, onde nos

dá as possibilidades organizadas pelas cores e formas; quanto ao interpretante final, o signo leva-nos a pensar em apenas remas, que para Peirce, rema significa um signo simples ou substitutivo. A interpretação de uma obra plástica, sempre nos levará a pensar em meras possibilidades de interpretação da natureza existente dos signos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relatório final cumpriu todas as etapas do cronograma de atividades, no que tange a leitura e fichamento de referenciais teóricos, coleta de dados e analise semiótica das obras da artista plástica Priscila Pinto: A Pensadora da exposição Feminino Singular (2005), Daqui prá ali (2005), O jardim da artista (2009) e Canoa da Exposição Madeira-Memória (2010). As análises das obras estão amparadas no referencial teórico da Semiótica Visual.

Percebemos que estes novos artistas retrataram em suas obras não mais paisagens com a fauna e a flora amazônica, e sim o nosso cotidiano, seja ele, cheios de grandezas ou de banalidades; e elementos do nosso folclore amazônico, que ouvimos nossos avós, ou pais, ou tios nos contarem desde a nossa infância.

Dentro da análise, todas as obras de Priscila Pinto foram classificadas na primeira divisão de signo, a saber, Qualissigno, icônico, remático, pois na obra de arte devido a liberdade poética que cada artista tem, só podemos encontrar meras possibilidades de representação, nada há de concreto ou determinante.

Também nesta pesquisa, encontramos um aspecto que entendemos ser também de extrema relevância, a emergência de produções artísticas oriundas de alunos de cursos livres ou graduação em Artes Plásticas.

Fica na expectativa de responder a questão do por que alunos de cursos livres e de graduação em Artes, em pouco tempo de vivência e amadurecimento artístico abrem-se para os espaços de exposição de seus trabalhos artísticos.

FONTES E REFERÊNCIAS

ABRAHIM. Yusseff. Exposições: Formas da arte amazonense. Acrítica, Manaus, 17 de abril de 2004. Caderno Bem Viver, p. BV1.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Governo do Amazonas homenageia o artista plástico e galerista Marcantonio Vilaça. Em: 02/02/2010. Disponível em: < http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=10067&sid=672> Acesso em: 07 de março 2012.

ACRÍTICA. Manaus ganha mais uma cidade: a mini Santa Anita. Acrítica, Manaus, 09 de agosto de 2006. Caderno Bem Viver.
_____. Exposição no Bistrô: Esferotoni. Acrítica, Manaus, 18 de abril de 2008. Caderno Bem Viver.

ANDRADE, Francisco Carlos de Souza. Exposição Coletiva Novos Quinze. 2005. 1 álbum (22 fot.): color.; 17,5 x 13 cm.

ARNHEIM, Rudolf. Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora: nova versão; tradução de Ivonne Terezinha de Faria. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BARROS, Rosemara Staub de. Percepção Visual. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Pró-reitoria de Ensino de Graduação. Centro de Educação a Distância. Coleção Artes Plásticas EaD: curso de licenciatura/ módulo I: caderno 2/ Instituto de Ciências Humanas e Letras; Zeina Rebouças Corrêa Tomé, organizador. Manaus: Edua, 2007.

BBC. Retrospectiva 2003. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/1749_review03/page2.shtml> Acesso em: 07 de março 2012

BORGES. Jony Clay. Arte em exercício. Acrítica, Manaus, 15 de setembro de 2005. Caderno Bem Viver.

CARAMELLA, Elaine. História da Arte: fundamentos semióticos: teoria e método em debate. Bauru, SP: EDUSC, 1998.

CARDOSO, Sérgio. In: Catálogo da Exposição Novos Quinze. Amazonas: MKT/Cultura, 2005.

COSTA, Cacilda Teixeira da. Arte no Brasil 1950-2000: Movimentos e Meios. 2ª edição. São Paulo: Alameda, 2006.

DONDIS, Donis A. Sintaxe da Linguagem Visual; tradução Jefferson Luiz Camargo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EPOCA. Retrospectiva 2000-2009. Em 23/12/2009 Disponível em: < http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI112832-17445,00-RETROSPECTIVA.html > Acesso em: 07 de março 2012

ESCOLA, Brasil. Pen drive. Disponível em: < http://www.brasilescola.com/informatica/pen-drive.htm> Acesso em: 07 de março 2012.

FARIAS, Elaíse. Artistas expõem a nudez no Chaminé. Amazonas em Tempo, Manaus, 07 de maio de 2008. Caderno Pláteia, p. D/1.

FERREIRA, Lídia. Interação entre as artes: Roteiro para encher os olhos. Amazonas em Tempo, Manaus, 19 de junho de 2008. Caderno Pláteia.

FRASER, Tom; BANKS, Adam. O guia completo da cor; tradução Renata Bottini. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto: sistema de leitura visual da forma. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.

HERMIDO, Thiago e BORGES, Jony Clay. Retrospectiva 2009: 1º Festival de Animação. Acrítica, Manaus, 20 de dezembro de 2009. Caderno Bem Viver.

KOTINSKI, Loredana. A reinvenção criativa dos nossos artistas. Acrítica, Manaus, 03 de janeiro de 2006. Caderno Bem Viver.

LOPES. Valter Frank de Mesquita. Foto do perfil. Disponível em: <http://www.facebook.com/media/set/?set=a.151362771552625.24218.100000367093807&type=3#!/photo.php?fbid=100470783308491&set=a.151362771552625.24218.100000367093807&type=3&theater> Acesso em: 18 de janeiro 2012.

_____. Re: Imagens das obras da exposição NOVOS 15 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <kssbarbosa@yahoo.com.br> em 26 de setembro de 2012.

MAISEL, Priscila de Oliveira Pinto. Re: Perguntas pro PIBIC [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <kssbarbosa@yahoo.com.br> em 30 de outubro de 2011.
_____. Exposição Feminino Singular. 2005. 1 álbum (60 fot.): color.; 17,5 x 13 cm.
_____. Proposta de Exposição Feminino Singular. 2005
_____. Exposição Madeira Memória. 2010. 1 álbum (54 fot.): color.; 17,5 x 13 cm.
_____. Proposta de Exposição Madeira Memória. 2010
_____. Fotos do perfil. Disponível em: <http://www.facebook.com/#!/photo.php?fbid=245096312214136&set=a.112811955442573.13471.100001413073492&type=3&theater> Acesso em: 18 de janeiro 2012.

MAZIERI. Bruno. Adeus ao bruxo das Artes. Acrítica, Manaus, 26 de agosto de 2009. Caderno Bem Viver.

NADJANARA, Lívia. Um olhar arqueológico. Amazonas em Tempo, Manaus, 20 de agosto de 2009. Caderno Platéia, p. C4.

OSTROWER, Fayga Perla. Universos da arte. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

PEDRO, João. Diário do Senado Federal. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/publicacoes/diarios/pdf/sf/2007/08/07082007/26007.pdf> Acesso em: 18 de janeiro 2012.

PEIRCE, Charles Sanders. Semiótica; trad. José Teixeira Coelho Neto. São Paulo, ed. Perspectiva, 3ª. Edição, 2000.

PEIRCE, Charles Sanders. The collected papers of Charles Sanders Peirce. 8 vols. USA: Harvad University Press, 1987-1990.

PRETO, Mércia. In: Folder da Exposição Coletiva 2 e 3 dimensões da Arte. Amazonas: ICBEU. 2010.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado:processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 1998.

SANTAELLA, Lúcia. Semiótica aplicada. São Paulo: PioneiraThomson Learning, 2002.
_____. Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora visual verbal: aplicações na hipermídia. 3. Ed. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 2005.
_____. A Teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTOS, Tony. Exposição Coletiva Projeções estreia hoje no CAUA. Amazonas em Tempo, Manaus, 28 de maio de 2010. Caderno Plateia, p. D/3.

SENAC. DN. Elementos da Forma. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2006.

STOCO, Sávio. 4 Tempos: Exposição mescla fotos, pintura e até vídeos digitais. Diário do Amazonas, Manaus, 19 de junho de 2008. Caderno Blitz, p. 3.

VALETIM. Daniel. Batepalma, Jandr Reis. 28.07.2006. Disponível em: < http://www.overmundo.com.br/agenda/batepalma-de-jandr-reis> Acesso em: 07 de março 2012.

VEJA. Especial Veja: 100 fatos que marcaram o ano 2000. Editora Abril. Disponível em: < http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx> Acesso em: 07 de março 2012.

ZAGO, Rosemara Staub de Barros. História da Arte no Brasil II. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS. Pró-reitoria de Ensino de Graduação. Centro de Educação a Distância. Coleção Artes Plásticas EaD: curso de licenciatura/ módulo III: caderno 2/ Instituto de Ciências Humanas e Letras; Gabriel Arcanjo Santos de Albuquerque, organizador. Manaus: Edua, 2010.

WONG, Wucius. Princípios de forma e desenho. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXOS

Figura 75 – Frente e verso do Folder da Exposição Coletiva Novos Quinze
FONTE: Andrade, 2005.

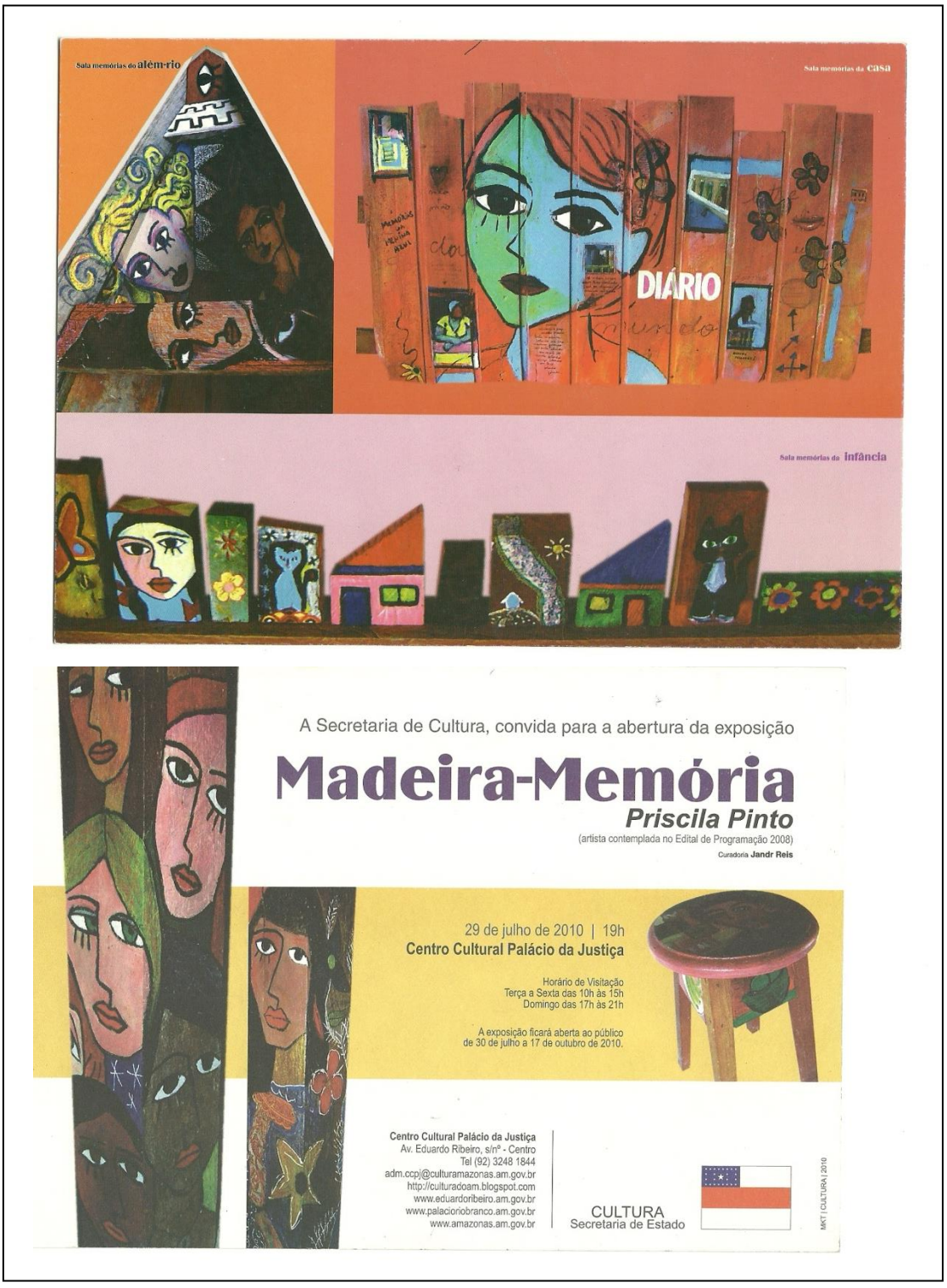

Figura 76– Frente e verso do Folder da Exposição Madeira-Memória
FONTE: Maisel, 2011.

CRONOGRAMA

Nº	Descrição	Ago 2011	Set	Out	Nov	Dez	Jan 2012	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul
01	Reuniões com a orientadora	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**
02	Leitura e fichamento de referencial teóricos	**x**	**x**	**x**									
03	Coleta de Dados			**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**				
04	Análise da Coleta de dados					**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	
05	Elaboração dos relatórios mensais	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**	**x**
06	Elaboração do Resumo e Relatório Final Preparação da Apresentação Final para o Congresso											**x**	**x**

Quadro 1 – Atividades realizadas no PIBIC